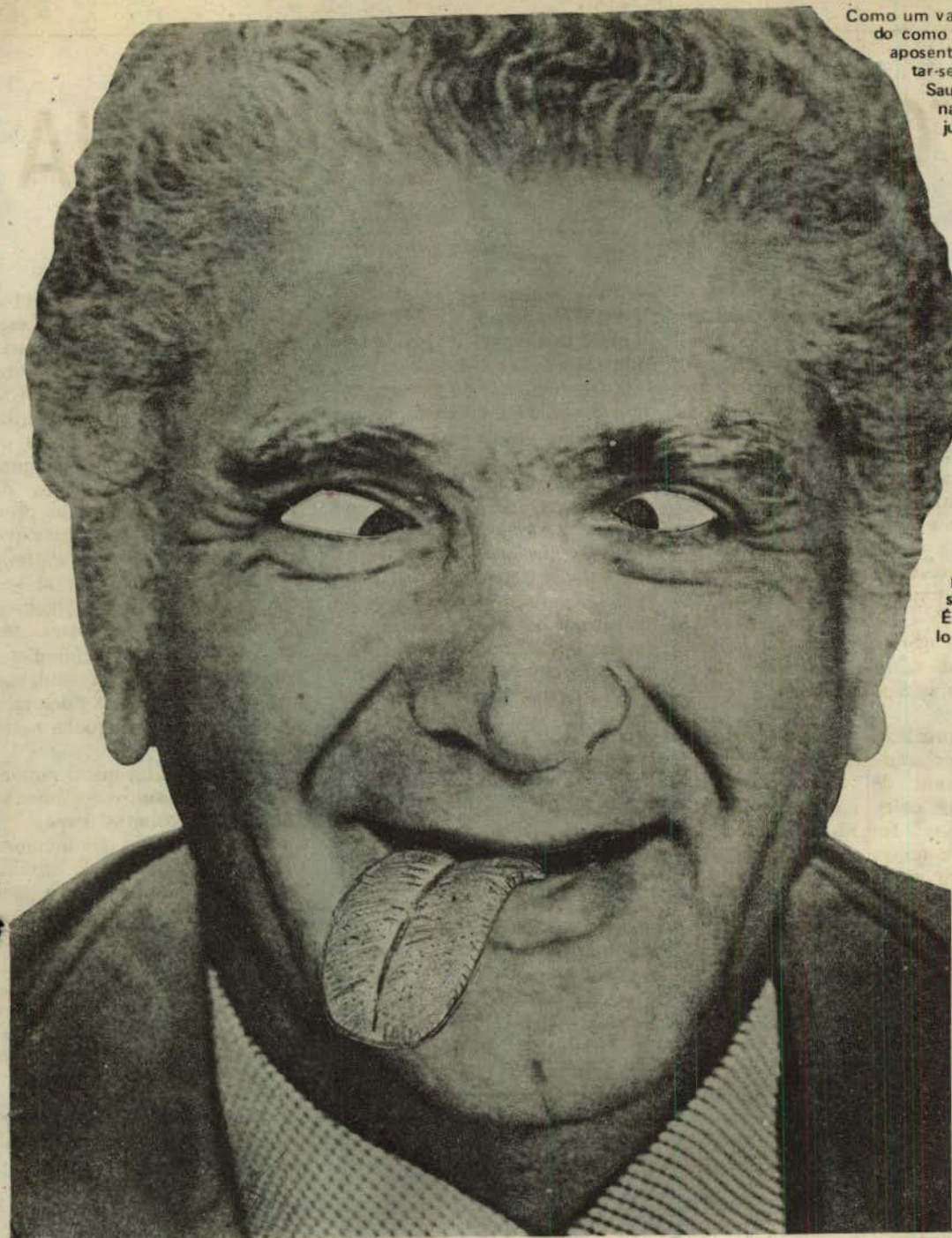




Como um vampiro que suga o sangue do povo, o candidato a governador pelo PDS, também conhecido como partido do Capeta, está recebendo mensalmente mais de 500 mil cruzeiros a título de aposentadoria. Saul Raiz deve ser mesmo um homem muito trabalhador pois conseguiu aposentar-se aos 36 anos de idade. Esta façanha ele conseguiu assim: No dia 12 de junho de 1965, Saul Raiz foi nomeado para exercer o cargo de juiz Substituto do Corpo Especial do Tribunal de Contas do Estado, através do decreto n. 18.485, tendo tomado posse no dia 14 de junho do mesmo ano. Em outubro do mesmo ano já começaram as mumunhas para que Raiz fosse aposentado milagrosamente: através da Resolução n. 7524/65, foi contado em seu favor o tempo de treze anos, onze meses e vinte e três dias, de serviços prestados à Prefeitura Municipal de Curitiba.

Em 1967, mais precisamente no mês de fevereiro, Saul Raiz foi aquinhado com mais 15 anos, referente "aos benefícios da Lei n. 5.483", diz a Certidão n. 2146 do Tribunal de Contas, solicitada pelo ex-governador Paulo Pimentel.

A Resolução n. 54/67 também foi muito generosa para o candidato a governador pelo partido do Capeta. Através dela, "foi mandado contar em seu favor, para todos os efeitos legais, os tempos de um ano, oito meses e quatorze dias, em que prestou serviços ao Exército Nacional, seis meses correspondentes ao dobro de férias não gozadas nos exercícios de 1963/64 e 65. Três anos correspondentes a três decênios". Em 16 de outubro de 1967, através de um requerimento escrito de próprio punho, Saul Raiz requereu sua aposentadoria no cargo de Ministro Substituto do Tribunal de Contas. A Resolução n. 201/67 de 20 de outubro do mesmo ano, concedida a sua aposentadoria, e sua remuneração mensal, em abril de 1982, era de (pasmem) 528.320,36 (quinhentos e vinte e oito mil, trezentos e vinte cruzeiros e trinta e seis centavos).

Diz ainda a certidão n. 2146 que Saul Raiz contava "na época de sua aposentadoria com o tempo de trinta e seis anos, seis meses e onze dias". Portanto, significa que Saul Raiz começou a trabalhar quando ainda estava no ventre de sua mãe...

Estes 500 mil por mês Saul Raiz recebe como aposentado do Tribunal de Contas. Imaginem quanto deve estar ele recebendo do governo do Estado e da Prefeitura de Curitiba. Enquanto o candidato a governador pelo PDS recebe mais de 500 mil por mês de aposentadoria, os velhos aposentados do INPS e Funrural estão recebendo menos que um salário mínimo, depois que trabalharam a vida inteira.

É este o "dinâmico, renovador, humano" candidato ao governo do Estado do Paraná, pelo PDS.

TRIBUNAL DE CONTAS DO ESTADO DO PARANÁ
DIRETORIA GERAL

CERTIDÃO N.º 2146/82 fls. 3

nhado a Secretaria Geral, sendo que na mesma data foi encaminhado à Presidência, que designou o Ministro JOSÉ DE ALMEIDA PIMPÃO para relatar, em sessão; d) pela Resolução nº 201/67-R.A., datada de 20 de outubro de 1967, foi concedida a sua aposentadoria; e) sua remuneração atual é de R\$ 528.320,36 (quinhentos e vinte e oito mil, trezentos e vinte cruzeiros e trinta e seis centavos); f) contava na época de sua aposentadoria com o tempo de trinta e seis anos, seis meses e onze dias. É a informação. D.P.C., de 13 de abril de 1982. as) Maurício Thadeu Weinhardt de Medeiros - Oficial de Controle TC-300.3. as) Raul Satyro - Diretor." Do que, para constar, extraí a presente Certidão, à qual me reporto e dou fé. E eu, *[assinatura]* Diretor Geral, a subscrevi, conferi e assino. Curitiba, em 16 de abril de mil novecentos e oitenta e dois.

[assinatura]
JOSÉ RIBAMAR GASPAR FERREIRA
Diretor Geral

A prova do crime.

ESCÂNDALO

CANDIDATO DO PDS RECEBE 500 MIL POR
MÊS DE APOSENTADORIA

CR\$ 50,00
Nosso tempo

CHUNCHO NO CENTRO SOCIAL

Página 15

Sacomori mostra as soluções

Página 2

MAZUREK ENVOLVIDO EM CONTRABANDO

Página 12

SEM SENTIMENTO E SEM VERGONHA

Está concluído o despejo das 26 famílias de agricultores do Lote Grande, que perderam a terra por uma injustiça que só pode acontecer em sociedades que perderam completamente o bom senso e a moral.

De nada adiantaram todos os argumentos que deviam ter determinado a permanência daqueles agricultores em sua terra. Também nada resolveram os apelos no sentido de remover as famílias e seus pertences dentro de um plano racional e humano. As autoridades e os que ficaram com a terra — os Schimmelpfeng especialmente o Amaury e o Newton — não quiseram dar ouvidos nem mesmo ao bispo de Foz do Iguaçu, que implorou fosse o despejo adiado por alguns dias ou ao menos se desse tempo a que os colonos saíssem sem os atropelos que os massacraram.

Primeiramente os policiais da PM que deram cobertura à barbaqueada causada pelos Schimmelpfeng e pela justiça, isolaram o Lote Grande impedindo o acesso de pessoas que não estivessem envolvidas na questão, em especial a imprensa. Depois, cortaram também o acesso ao acampamento onde foram jogados os colonos como se fossem animais. Sob o argumento de evitar tumulto, quebraram qualquer possibilidade de união entre os despejados e fizeram o possível para evitar que a escandalosa situação fosse dada a conhecer à opinião pública.

Com essas garantias, os responsáveis pelo despejo, especialmente a PM, comandada pelo capitão Moacir Lobo, impôs aos agricultores sacrifícios que se conheciam apenas através da História do Brasil, no capítulo que fala da escravidão. Depois de conseguirem a dispersão e o isolamento das lideranças dos próprios colonos, as autoridades adotaram a tática da afobação para arrebentar com as vítimas. A operação teria que ser fulminante para não dar margem a menor resistência e para esconder o problema o quanto possível. A vergonha é realmente grande, por isso entende-se o pavor que os culpados por isso tudo estão

sentindo pelo que fizeram, se é que nas consciências ainda acusam alguma coisa.

A cada dia que passava era dado um prazo: "Quem não retirar tudo até amanhã ao meio dia vai ter que abandonar aqui tudo que não conseguiu retirar." Chegava a hora marcada e lá estavam os colonos com caminhões e mais caminhões para carregar — e pagar, embora o Incra tivesse prometido custear todo o transporte. Novo ultimato: até às 10 horas de amanhã, quem não tiver terminado, vai ter que sair e deixar tudo aqui... Todos os dias desse modo.

Indefesos, arrasados física e psicologicamente, os colonos se mataram de tanto trabalhar. Muitos deles, mesmo os idosos, viram-se forçados a trabalhar dias e noites sem comer e sem dormir, estando alguns deles em estado de esgotamento que inspira cuidados médicos. Um dos agricultores, contava a Nosso Tempo, na última quarta-feira, que estava há três dias e três noites trabalhando sem parar, sem dormir e quase sem comer, por medo de não poder retirar tudo o que tinha. Mesmo assim, não conseguiu. Desesperado e desanimado diante das ameaças constantes, desistiu e ateou fogo

em boa quantidade de material que vai lhe fazer falta lá onde tentará recompor a vida de sua numerosa família.

Grande parte do material removido estará inutilizado. Na reconstrução das casas, muito material vai se perder, e eles não têm dinheiro para comprar nada, nem comida. O Incra só entregará as terras daqui a mais de um mês. Os móveis, utensílios domésticos e materiais das casas estão jogados ao relento à beira da estrada, na área destinada pelo Incra. Quando chover, grande parte do que os colonos levaram vai ser arruinado. As condições gerais do acampamento em S. Miguel são as mais horroresas possíveis.

Enfim, se alguém quiser conhecer a humilhação, o aviltamento da pessoa humana, não custa nada ir até o local onde estão aqueles colonos. Lá está a imagem viva do que pode fazer a vileza humana. Lá está a obra da família Schimmelpfeng, lá está a obra do juiz Roberto Sampaio da Costa Barros, lá está a obra do Tribunal de Justiça do Estado, do Incra, da Polícia Militar e tantos outros que ajudaram no repugnante desfecho que teve o litígio pela posse do Lote Grande.

Os colonos deixaram muitas plantações na terra donde foram arrancados de forma tão baixa e criminosa. Eles nem têm coragem de perguntar a alguém se poderão colher o que plantaram. Seria a única maneira de obterem algum recurso até produzirem algo na nova área. Aliás, existe uma ordem que proíbe a entrada de quem quer que seja, a não ser os Schimmelpfeng e os que lhes comprarem as terras, no Lote Grande. Significa que o que os colonos plantaram será colhido pelos Schimmelpfeng ou por alguma raposa dessas que tirarão proveito da desgraça alheia. Acabou a vergonha nesta terra?

Sinceramente, quem conhecer a humilhação, o sofrimento imposto aos colonos despejados do Lote Grande, e quem conseguir conscientizar-se da baixa usada pelos Schimmelpfeng para se apoderarem daquela área, jamais terá coragem de pisar naquela terra. As terras donde foram tirados os colonos está suja de sangue, está cheia de lágrimas de gente honesta e trabalhadora, mas que foi castigada como se fosse um rebanho de bestas.

Quem ficar com aquilo perdeu os sentimentos e a vergonha.

Sacomori desce o sarafo e mostra as soluções

Ainda indignado pela impugnação que foi formulada pelo promotor José Caetano Ferreira Neto, e posteriormente julgada improcedente pelo Juiz Eleitoral, o candidato a vereador pelo PMDB Severino Sacomori declarou que a atitude do promotor foi infeliz e sem base legal. "Diante deste ato infeliz do promotor, chego a pensar na injustiça que foi minha condenação a seis meses e vinte dias na ocasião da cassação do meu mandato", disse Sacomori. "Se alguma coisa quisesse fazer o promotor, ele deveria então ter-me enquadrado por calúnia, e então eu teria condições de me defender. No processo por calúnia me restava provar os indícios de corrupção, e na injúria não. Fui convidado a me retratar naquela ocasião, e recusei. Eu tinha e tenho as provas do que declarei. Mas estas provas não interessam ao Ministério Público", disse ainda Sacomori. José Caetano Ferreira Neto, atuou também como promotor no processo em que Sacomori foi condenado. O vereador cassado, e postulando novamente uma cadeira na Câmara Municipal, até hoje não se conforma com a condenação que sofreu. "Não aceito, porque se a promotoria é tão aplicada como foi no meu caso, por que este promotor público não vê o problema do jogo do bicho em Foz do Iguaçu? Por que não atuou para fechar o cassino clandestino? Por que não atuou contra a corrupção no Ciretran? Por que não atua para solucionar nossos problemas de segurança? Ressuscitaram uma sentença que já havia transitado em julgado e eu tive alguns prejuízos por causa disso", concluiu Sacomori.

AS METAS DE UM CANDIDATO QUE CONHECE NOSSOS PROBLEMAS

Em linhas gerais, Severino Sacomori traçou suas metas como vereador na gestão 83/89. Fez uma análise da deficiência de nosso transporte coletivo, com ônibus superados, e já

condenados em outras cidades. Denunciou que a Viação Itaipu tem linhas em Foz a título precário, inclusive tendo só uma concessão que foi a concorrência pública, que é a linha para Santa Terezinha. "Não existe concessão até o Canteiro de Obras e, se existir, não houve concorrência pública", disse Sacomori. Portanto, a meta de Sacomori é anular todas as concessões a título precário em Foz do Iguaçu, criar as linhas interbairros para que o trabalhador possa ir da Vila Yolanda para a Ponte Internacional, do Porto Meira para a Ponte Internacional, da Ponte às Cataratas e vice-versa. Seu objetivo é resolver o atual quadro, em que um trabalhador não pode ir da Vila Yolanda para a Ponte Internacional porque a passagem é muito cara. A realidade é que o trabalhador tem que dispor hoje mais de 50 por cento do seu salário só para pagar passagem.

Outra meta de Sacomori é a renovação da frota de ônibus, "para que Foz tenha ônibus decentes. Os ônibus de Foz estão numa situação de indecência, não têm segurança, estão sempre superlotados e só beneficiam os proprietários de empresas."

Sua meta é trabalhar para que as empresas vendam passagens a escolares com 50 por cento de desconto, de forma obrigatória em todos os dias do mês, pois não são todos os dias que as pessoas têm dinheiro disponível para comprar passagens. Para o candidato a vereador pelo PMDB, a Prefeitura deve obrigar as empresas a vender passagens todos os dias do mês.

Outra meta de Sacomori, é a criação do passe para o trabalhador, ou seja, a venda de passagens com desconto, pois o trabalhador perde muito com os trocos.

Quanto ao DRM, Sacomori pretende lutar para que haja uma total remodelação. Diz o candidato a vereador que a Prefeitura conta com um parque de máquinas excelente, nossas

ruas vivem abandonadas. "Agora, em vésperas de eleições, eles consertam as ruas todos os dias. Mas isto deve ser feito sempre, e não somente às vésperas das eleições."

Com relação ao problema da Segurança pública, Sacomori levanta a bandeira da criação de módulos nos bairros, com quatro ou cinco policiais para que o povo possa chegar até a polícia com facilidade. "Os módulos não saíram até agora por falta de interesse do prefeito", acusa o candidato.

Outro problema enfocado por Sacomori é quanto à taxa de iluminação pública. Ele denuncia que nos bairros os proprietários pagam 40 mil para estender uma rede de energia elétrica, e ainda por cima a Prefeitura chega e assalta os moradores. Todos são obrigados a pagar a taxa de iluminação pública, e vivem no escuro. "Eu estou à disposição de quem queira entrar com uma ação contra a Prefeitura, porque esta taxa é um verdadeiro assalto onde não existe iluminação pública."

Outro objetivo é acelerar a terminação do Ginásio de Esportes. Ele diz que o prefeito está aí há quase oito anos e o ginásio está sendo construído há dois anos, mas até hoje não terminou. "É uma vergonha que o Ginásio de Esportes esteja nesta situação. As estruturas da obra estão até quase rachando e ainda não foi inaugurado", disse indignado o

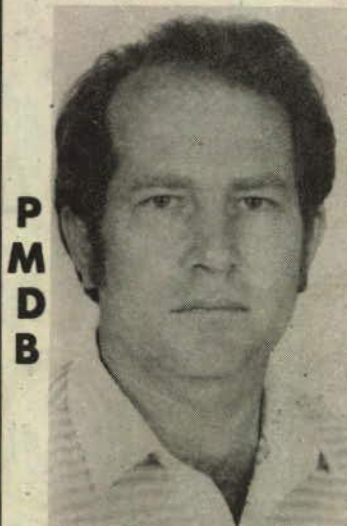
candidato a vereador pelo PMDB. "Precisamos moralizar a cidade. Até parece que a Prefeitura está comprometida com a exploração do metrô. A cidade está cheia de inferninhos, zoninhas, bares disfarçados, mas que são casas de prostituição. A Prefeitura tem que cassar o alvará, caso contrário é conveniente, declarou Sacomori.

Com relação ao turismo, a meta de Sacomori é a criação de centros de informação e de proteção ao turista.

O objetivo seria informar dos locais de visitação, horários, preços, roteiros, etc.

Para terminar, Sacomori levantou entre suas múltiplas metas e regularização dos terrenos dos bairros CR1, Vila Paraguaia e Vila Pérola. Chama a atenção sobre a urgência para uma solução deste problema e de que a população destes bairros está intranquila, pois são proprietários sem escritura.

P/VEREADOR



SEVERINO SACOMORI

5665

escritório jurídico

Dr. Álvaro W. Albuquerque
Dr. Agenor de Paula Martins
Dr. José Claudio Borato
Dr. Antonio Vanderli Moreira
Dr. Ademir Flor
Dr. Santo Rafagnin

R. Benjamim Constant, 45
Foz do Iguaçu

Nosso tempo

Editor

Fábio Campana

Gerente:

Juvêncio Mazzarollo

Representante em Curitiba

G. Cadamuro - Pça. Zacarias

7.º andar

Nosso Tempo é uma

publicação da

Editora Liberação Ltda.

CGC-MF 76.261.767/0001-36

R. Edmundo de Barros, 830

Boyce - Telefone: 72-1863

Foz do Iguaçu - Paraná

Impressão:

J.S. Impressora Ltda

Rua Gaspar Dutra, 225

Fone 23-4430

Jardim Maria de Fátima

Cascavel - Paraná

A J.S. IMPRESSORA LTDA, é uma empresa prestadora de serviços gráficos em geral, dos quais incluem-se a confecção de jornais, revistas e trabalhos do gênero, não se responsabilizando, porém, pelas opiniões e conceitos emitidos através das páginas destes, cuja responsabilidade são inteiramente de seus editores.

Lote Grande

A DRAMÁTICA SITUAÇÃO DOS COLONOS DESPEJADOS

CULPADOS: FAMÍLIA SCHIMMELPFENG, JUIZ ROBERTO SAMPAIO DA COSTA BARROS, TRIBUNAL DE JUSTIÇA, INCRA, GOVERNO E POLÍCIA MILITAR, ENTRE OUTROS.

Num certo dia da semana passada, estavam algumas pessoas reunidas ao redor de uma mesa num restaurante da cidade. Entre uma cerveja e outra, iam discutindo as matérias do jornal *Nosso Tempo*, atendo-se longamente à reportagem sobre o despejo dos agricultores do Lote Grande. A certa altura, uma daquelas pessoas disse: "Eu sou muito amigo dos Schimmelpfeng. Na primeira oportunidade que falar com um deles, quero apenas perguntar se aquelas terras do Lote Grande lhes faziam falta". Outro que estava à mesa adiantou a resposta: "É claro que não precisavam daquilo, mas como a ganância não tem limites, depois de ganharem aquelas terras

certamente estariam dispostos a disputar outras e outras mais, e nem a posse do Brasil inteiro acalmaria a ânsia de possuir, possuir e possuir". Um terceiro participante da conversa deu sua contribuição: "Eu posso dizer que sou um miserável. Tenho aqui uns trocados e muitas dívidas por aí. Mas, você que diz que vai falar com os Schimmelpfeng, pode dizer a eles que, se porventura precisarem de alguma coisa, estou disposto a dar alguma parte dos meus míseros barões".

Por pura coincidência, em outra mesa do mesmo restaurante um repórter de *Nosso Tempo* captava a conversa em que os animados e indignados interlocutores comentavam o vergonhoso desfecho do litígio que acabou expulsando quase duas centenas de agricultores do município de Foz do Iguaçu — mais um entre os tantos desfazes impostos a esta comunidade nos últimos tempos.

O rumo daquela conversa era o mais lúcido possível e aquelas pessoas deixaram em quem as

ouvia a grata sensação de que o bom senso ainda não se perdeu de todo. Em meio à insensatez que caracteriza a maior parte das decisões importantes no Brasil, resta o consolo de que nem todos embarcam na canoa furada.

Lágrimas

Conversas semelhantes à desenvolvida ao sabor da cerveja houve muitas na cidade. Algumas delas centravam-se na linguagem usada por *Nosso Tempo*, considerada por muitos como abusiva e por outros como a mais adequada possível. Especialmente para quem criticou a matéria deste jornal, é oportuno considerar que essas pessoas não estiveram assistindo ao dramático despejo das famílias, arrancadas brutalmente de dentro de suas casas. Se tivessem visto o sofrimento dos agricultores, as lágrimas desesperadas de mulheres e crianças, sem a menor dúvida dariam razão aos ímpetus do redator, para quem o vocabulário usado ainda foi suave se comparado com a desumanidade que marcou a operação-despejo, não porque tenha esta cometido violências físicas, corporais, mas pelo próprio significado de um ato como aqueles, extremamente agressivo, violento, que fere as pessoas no mais profundo de seu ser.

Cada observador dessa situação deveria colocar-se no lugar daquelas famílias, pensando na sua história: Era gente desafortunada que, 20 anos atrás (quem mais, quem menos), andava errante por este Brasil em busca de um meio de vida e que, chegando a Foz do Iguaçu, encontrou o que procurava — um pedaço de terra onde foi possível

edificar uma vida relativamente digna. Os que foram se estabelecendo no Lote Grande tinham todos os argumentos para garantir-se o direito à posse legítima da área. Só o fato de conseguirem permanecer nela durante tantos anos seria suficiente para que lhe fosse garantido esse direito (histórico).

Se foi possível aos chamados posseiros organizarem suas vidas naquela área e lá permanecerem por 20 anos ou mais, não há como negar-lhe o direito à permanência definitiva. E, quanto aos pretensos donos, que acabaram ganhando a terra na justiça, teriam perdido as razões para reivindicar a propriedade por 3 motivos: a) O desleixo com que trataram a propriedade, deixando-a abandonada, num sinal de que não precisavam dela e nem estavam interessados em utilizá-la. Se tivessem responsabilidade, teriam demarcado a área e a teriam ocupado de uma forma ou de outra, especialmente, porque, como homens desta região, sabiam que terras abandonadas estavam continuamente sujeitas à invasão dos posseiros. Deviam também tomar imediatas providências tão logo começou a ocupação do que diziam ser seu. b) A essa irresponsabilidade (que seu ilustre avô, Jorge Schimmelpfeng, teria repreendido severamente se aqui estivesse junto aos netos) acrescenta-se a incompetência no trato com a defesa da propriedade, permitindo que os agricultores lá instalados armassem um complexo quadro que indicava tratar-se de coisa sua: o pagamento das terras; a construção de suas casas e tudo o que as cercava; o pagamento de impostos; a assistência técnica da Acarpa/Emater; o financiamento bancário; a produção; a construção de uma escola e de



um templo; a instalação de energia elétrica por uma empresa estatal, etc., etc. c) Por último, o direito à propriedade estaria perdido em nome de valores mais altos, quais sejam o respeito pelo trabalho dos agricultores, o respeito pela organização que conseguiram em suas vidas e o ótimo uso que faziam da terra.

São razões que por certo não estão na lei, mas que fazem parte de uma concepção racional e, especialmente humanitária, a menos que a propriedade deva ser mantida acima de todos os valores, como parece estar acontecendo no Brasil.

O dinheiro sempre vence

Se os colonos resistiram a qualquer acordo proposto pelos Schimmelpfeng, é porque tinham razões suficientes para tanto. Eles tinham provas e mais provas para sustentar a tese de que tinham mais direito que os Schimmelpfeng de receberem o título daquela propriedade. Mas daí os Schimmelpfeng contra-atacam dizendo que inúmeros outros ocupantes das terras fizeram acordo amigável, numa prova de que reconheceram não terem direito sobre a área. Acontece, porém, que pessoas humildes e humilhadas, como eram os colonos, normalmente tremem diante de alguém culto da cidade, ou diante da presença de soldados do Exército — mobilizados mais de uma vez pelos Schimmelpfeng para espantar os agricultores. Além disso, o desconhecimento de tudo quanto é direito seu, o desconhecimento das leis e mais as amargas experiências de uma vida continuamente submetida a revezes e mais revezes, coloca essas pessoas numa posição de absoluta inferioridade — e aí, efetivamente, é fácil forçar acordos.

Então, um grupo de ocupantes do Lote Grande achou que podia se unir para a resistência e enfrentar a justiça. Argumentos para baterem pé não faltavam. Apenas não se deram conta de que em litígios dessa natureza sempre vence o mais forte, aquele que tem mais dinheiro. De fato, não se conhece aqui no Oeste uma única história em que juiz ou tribunal garantiram terras em disputa aos agricultores quando estes tivessem menos dinheiro que os grileiros. Desta vez, a regra podia ser rompida. A lei do mais forte não podia ser revogada por um juiz como Roberto Sampaio da Costa Barros, ou pelo Tribunal de Justiça do Estado, ou por qualquer órgão do governo, como o Incra.

A pior solução possível

Não é possível negar que os Schimmelpfeng tinham boas razões para disputar a posse daquela terra, mas é igualmente



claríssimo que os colonos tinham os mais fortes argumentos para merecerem uma sentença favorável. Com um mínimo de boa vontade, tanto o juiz Sampaio como o Tribunal podiam ter garantido a terra aos colonos. Não teriam ferido a lei e ainda teriam feito uma obra de inestimável valor: Os colonos não sofreriam o terrível sacrifício que lhes está sendo imposto; não teriam prejudicado em nada os Schimmelpfeng, que não precisam de nada e vivem muito bem na cidade; teriam garantido a abundante produção de alimentos que os colonos tiravam da terra e nem teriam obrigado o Incra a consumir uma de suas únicas reservas de terra no Estado, porque foi necessário reassentar os despejados numa área coberta de mata virgem no interior do município de São Miguel do Iguaçu. Agora, o Lote Grande passará a ser objeto de especulação imobiliária, enquanto a fome mata a população de Foz do Iguaçu.

Havia muitas soluções para o problema, mas adotaram a pior possível, especialmente na forma como despejaram os agricultores. A maneira como procederam é digna de sociedades primitivas, de gente que perdeu completamente o bom senso, o respeito pelos semelhantes. Foi obra de quem perdeu a sensibilidade humana e que por isso coloca em seu lugar a ganância, o sadismo, a vingança, a impiedade.

Em pouco mais de 8 dias, os colonos tiveram que demolir suas casas e levar embora tudo o que lhes sobrou. Ante a iminência de se formar em Foz do Iguaçu um



incômodo acampamento de agricultores sem terra, o Incra voltou atrás de sua teimosia e destinou nova área aos desalojados no município de São Miguel do Iguaçu, e a Polícia Militar se encarregou de ameaçar e pressionar os agricultores a se mudarem o mais rápido possível (veja depoimentos na página seguinte). "Quem não sair até sexta-feira, dia 3 de setembro, vai ter que deixar tudo aqui. O que levou, levou. O resto será queimado pelo fogo ou arrombado por tratores" — dizia aos desesperados agricultores a Polícia Militar.

Falta de vergonha

O Incra havia prometido transporte gratuito para as mudanças, mas não deu nem um centavo para isso. O Poder Judiciário ajudou um pouco na remoção e os colonos tiveram que arcar com quase toda essa despesa também. Trabalhando dias e noites, quase sem comer e sem dormir, os colonos se extenuaram mas conseguiram transferir quase tudo. Abandonaram as plantações sem que alguém lhes garantisse o direito de cuidar delas e colher a produção. Restava ver quem teria a coragem de destruí-las ou colhê-las em seu lugar, mas certamente não faltará coragem; a quem tomou posse daquela terra, de ir lá e colher o fruto do suor de quem foi expulso.

No último domingo, a reportagem de Nosso Tempo foi até o local onde os colonos estão acampados, à beira de uma estrada, junto à área onde ficarão. As terras que lhes foram destinadas são de primeira qualidade, mas agora o que importa dizer é que estão em extremas dificuldades. Estão jogados no meio da capoeira e das urtigas. É um calor infernal. Sob as barracas improvisadas, um entulho de móveis e utensílios domésticos, camas e cobertores, foices e talheres. . . Água potável e para higiene, só a um quilômetro do acampamento. A Polícia Militar de São Miguel do Iguaçu emprestou diversas barracas "à prova" de mosquitos, enquanto sob telhados ou lonas pendurados

em estacas os mosquitos e insetos infernizam a vida de todos — e vejam bem que entre aquelas pessoas estão idosos em delicado estado de saúde e muitas crianças, que agora terão que andar alguns quilômetros para ir à escola, tudo porque foram arrancadas da escolinha que seus pais haviam ajudado a construir no Lote Grande.

Os agricultores despejados estão passando as mais sérias dificuldades e precisam de muita ajuda. O Incra vai levar mais de um mês até poder entregar os lotes a cada família. Era tão simples deixar as famílias no Lote Grande e só removê-las depois que a nova área estivesse em condições de recebê-las, mas não. Vingativamente, foi preciso que o despejo acontecesse de forma precipitada e insensata, impondo aos trabalhadores os mais duros sacrifícios.

Caridade farisaica

Desse modo, estão criadas as condições para movimentar a generosidade de quem se dispõe a ajudar, como também estão abertas as portas para a caridade dos fariseus, como é o caso da Prefeitura de Foz do Iguaçu, que doou aos agricultores uma quantidade em alimentos estimada em mais de 200 mil cruzeiros. O gesto, antes de ser um ato de generosidade, aparece mais como um ato criminoso, uma vez que os alimentos teriam sido desviados da merenda escolar — segundo voz corrente entre os agricultores. As embalagens falavam em "venda proibida" e a entrega teria sido feita por um candidato a vereador que teria dito tratar-se de uma doação do PDS.

O número de problemas é efetivamente grande. Os colonos

terão que recorrer à financiamento bancários para recomenciar. Tudo o que está amontoadado no acampamento deverá ser novamente transportado para o local em que cada família se estabelecerá definitivamente. Terão que reconstruir suas casas, os galpões, os poteiros. Terão que derrubar a mata, destocar, corrigir o solo, adubar e plantar. Quando estarão novamente com suas propriedades organizadas e produtivas? Como viverão até lá?

O Incra certamente vai se vangloriar de ter destinado a área para o reassentamento, mas deveria antes penitenciar-se por não ter sido capaz de garantir a permanência dos colonos no Lote Grande, o que era perfeitamente possível e correto, mediante a desapropriação por interesse social e a consequente indenização da família Schimmelpfeng.

Mas, ainda bem que os responsáveis por esta situação se sentem envergonhados do que fizeram. Ao menos é o que indica uma ordem segunda a qual está proibido o trabalho da imprensa no acampamento. Quando lá esteve o repórter de Nosso Tempo, um funcionário do Incra foi ter com ele para comunicá-lo que o capitão Moacir Lobo, comandante da Polícia Militar de Foz do Iguaçu e chefe da operação-despejo, transmitiu ordens do juiz Sampaio proibindo a entrada da imprensa até que persistisse o acampamento. Por enquanto, esta é a última estupidez entre tantas que cercaram o ato de vandalismo que jogou os agricultores numa situação tão dramática.

Para completar o quadro desta triste realidade, Nosso Tempo passa a palavra aos próprios agricultores, para que eles mesmos falem de seu drama. Talvez assim os leitores entendam melhor que a dramatização feita por este jornal não excede os limites da mais crua realidade.

Depoimentos dos colonos

«AGORA SÓ NOS RESTA SOFRER»

Não sei como vou fazer

JESUÍNO CEMIN (56 anos, 6 filhos solteiros) — "Fui forçado a vender 10 cabeças de gado e 400 palanques de cerca por 290 mil cruzeiros, quando o valor dis-

so tudo era superior a 1 milhão. Eu já havia enfeitado 200 mil cruzeiros só por 2 vacas. Agora só fiquei com uma égua e 24 cabritos, que vou ter que deixar com os amigos porque lá onde vamos morar não tem pasto.

No início, vamos sofrer muito lá na nova área. Vamos nos abrigar embaixo de lonas, mas 70 por cento da mudança vai ficar na rua, no sol e na chuva. Vai estragar tudo. Até agora não sabemos se vamos receber alguma

ajuda. Só deram a terra, mas temos que pagá-la.

Não tenho nenhuma reserva em dinheiro. Com o dinheirinho que tinha estou pagando a mudança para sair. Só isso vai me custar mais de 120 mil cruzeiros. Também tenho que contratar peões para ajudar a desmanchar o potreiro e a casa para sair logo, senão podem vir aqui os Schimmelpfeng e colocar fogo ou trator em tudo.

O pior é que não vou ter condições de plantar nada para a safra deste ano. Vou ter que colocar meus filhos a trabalharem de peão para pelo menos termos comida enquanto não produzimos.

Tenho aqui uma plantação de trigo. Espero que me deixem colher, mas não sei se vão deixar. Investi 200 mil cruzeiros na semeadura do trigo. Tenho também bastante mandioca e milho plantados. Gastei muito no preparo da terra e agora parece que não vão deixar colher, porque disseram que, quando saíssemos não era mais para pôr os pés aqui.

"Não sei como vou fazer para começar tudo de novo, já estou bastante velho e doente. A cada 15 dias tenho que ir ao médico, tomar remédios".

● Estamos jogados pelo chão

MAGDALENA (esposa de Jesuino) — "Isto é muito triste pra mim e minha família. Com todos os filhos que temos, não sei o que vai ser de nós até a gente ter um pouco de milho, um pouco de feijão e arroz para comer.

Os filhos vão perder o ano na escola. Lá onde vamos disseram que tem escola perto, mas não sei. Eu nem fui ver ainda o lugar onde vamos. Quero ir na escura, talvez assim me adapte melhor.

Aqui, enquanto estamos desmanchando a casa, ficamos todos jogados pelo chão, sem acomodação — está tudo bagunçado. E se chover? Vai acabar com todos os móveis, com tudo, porque não temos como colocar as coisas no coberto. Temos apenas uma pequena lona, que não dá nem para cobrir o milho, que já levamos para lá e jogamos ao relento.

Isto tudo é uma tragédia

VALERINO DE ALMEIDA (34 anos, 8 pessoas na família) — "Eu tenho aqui casa, chiqueiro, milho e porcos para levar para S. Miguel. Tive que vender 102 sacos e vou levar pra lá uns 60 sacos. Vou levar 46 porcos, uma vaca e um bezerro — só que não sei se esses bichos vão poder viver lá na nova área, onde não tem nada. Vou levar umas 60 galinhas e um passarinho para cantar e fazer uma alegriazinha no mato. Eu tinha 92 porcos. Parte

vendi a preço de banana e parte carnei. Tive grandes prejuízos porque tive que vender tudo pela metade do preço. Perdi mais de 500 mil cruzeiros só com os porcos. Só num animal perdi 80 quilos, para não dar umas palmas no cara que comprou.

Vou deixar aqui plantados 60 quilos de semente de milho. Cada saco de semente me custou 6 mil cruzeiros, 2 sacos de adubo no valor de 12 mil, mais a aração, gradeação e plantio, que me custou 36 mil. Tudo isso vai ficar aí pros Schimmelpfeng.

O Incra tinha prometido o transporte, depois os oficiais de justiça também prometeram que o transporte seria gratuito. Agora estão dizendo que temos que nos virar e pagar. Mas, se eu pagar o transporte, como é que vou comer? Tenho recursos para sustentar a família durante uns dois meses no máximo.

Nestes dias veio um tenente aqui dizendo que tínhamos que dar um duro tremendo e sair logo, senão mandariam trator para demolir nossas casas e galpões. Então, anteontem — veja bem, tomei café às 3 da madrugada, e fui almoçar e jantar de uma vez só às 11 da noite. Às 5 do dia seguinte tomei café e voltei ao trabalho. Voltei a comer somente às 11 horas da noite. É que eu estou aqui desmanchando a casa e a família está se abrigando na casa dos parentes ou lá no acampamento.

No ano passado, numa reunião de que participei lá no plenário da Assembléia, em Curitiba, o Incra prometeu uma área de 40 a 50 hectares para cada família e transporte gratuito, mas agora ninguém está ajudando em nada. O acordo que fizemos com o José Guilherme Cavagnari foi tudo água abaixo.

Olha, isto que está acontecendo pra gente é uma tragédia para os bisnetos e tataranetos contarem para seus filhos. Estou tirando foto disto aqui tudo. Fotografei a casa, a pocilga antes de começar a demolição, e estou fotografando os escombros, as terras plantações.

Estamos saindo do que é nosso. Minha mãe me disse quando eu era pequeno: Olha, filho, quando você vestir uma camisa, veja antes se essa camisa é tua. Pomba, isto aqui eu comprei, paguei com meu dinheirinho, e agora vejo minha casa desse jeito aí, rapaz. Acha que isso pode dar alegria para um pai de família? Agora tem que ir enfrentar mosquito lá nos infernos.

Essa justiça que fez isso conosco não tem nome. Eu digo à quem quiser ouvir, e assino embaixo, que essa justiça é de merda mesmo, com eme maíusculo. E pode vir quem quiser pra cima de mim, que eu sustento isto que estou dizendo.

Quando páro para pensar nisso que está acontecendo... nem sei o que dizer... É uma coisa que... A gente até faz força para se mostrar alegre, de cabeça erguida, mas o nó na garganta não sai... (Neste momento, Valerino caiu em prantos. Chorou convulsivamente durante uns 5 minutos. Não havia palavras que o consolassem. Um oficial de justiça que presenciava a entrevista e as lágrimas ficou visivelmente deprimido, mas não disse uma palavra. O repórter de NT virou-



se para ele com esta observação: "Está vendo? Depois dizem que a linguagem do jornal é abusiva, pois não." Depois de acalmado, Valerino prosseguiu).

"Eu quero dizer que neste país só tem vez o velhaco, o bandido, o sem-vergonha, o malaco. Esse tem vez. O camarada que nunca mexeu uma folha de árvore que não fosse dele, como é o nosso caso, gente assim não tem vez, não é respeitado. Querem me colocar no inferno ou no fundo de uma cadeia, podem me colocar, porque sou homem mesmo.

Pensa bem, nós aqui bem colocados e, de repente, ver tudo desse jeito? Não há força que aguarde. Agora tem que começar tudo de novo lá naquele mosquito-teiro à beira do lago de Itaipu. Vamos levar mais de um ano para produzir alguma coisa... Como vamos viver até lá? Tenho medo de nunca mais poder endireitar a vida." (O entrevistado caiu novamente em prantos e foi impossível continuar a entrevista.)

Não quero a terra do Incra

MARIA MARCOLINO LEMES (não sabe a idade, mas diz que deve ter mais de cem anos, embora aparente uns 60, é mãe solteira) — "Faz mais de 20 anos que moro aqui. Vou sair só com o meu filho. Eu sempre quis acertar com o doutor Schimmelpfeng, mas ele nunca aceitou. Ficou com raiva e disse que eu entrei com advogado, mas eu não entrei com advogado. Os outros, sim.

Eu não vou para a terra do Incra. Se querem, que me deem dinheiro para pagar meu lote em Três Lagoas. O que vou fazer

com o meu filho lá no meio do mato? Prá lá eu não vou nunca na vida. Já levei a casa para um lote que comprei em Três Lagoas. Está tudo jogado. Não quero terra nem se é para vender depois. Não quero confusão com Incra, nem com ninguém.

É uma grande injustiça tirarem a gente daqui. Veja só, eu pagando trator para plantar e agora ter que deixar tudo aqui? Tem milho, mandioca, e outras coisas plantadas aí, mas não querem deixar eu colher.

Já que o Incra não quis nós em cima desta terra, eu também não vou querer a terra que ele está oferecendo. Meu filho vai trabalhar na cidade e assim vamos viver.

Acha que eu vou dar murro no meio do mato? Nunca mais. Veja aí, faz mais de 20 anos que estou morando aqui. Esses arvores todos passaram pela minha mão.

Quantas vezes eu quis acertar com o doutor Amaury Schimmelpfeng e ele, nada. Eu queria pagar, mas ele não queira me dar nenhum papel. Queria me passar a conversa para ficar com tudo.

Tenho vaca, porco, galinha. Botei tudo na casa dos vizinhos. Mas o que vou fazer com isso se vou morar num lote aí em Três Lagoas?"

Estou esgotado

PEDRO RAMIRO LOPES (56 anos, com 23 pessoas na mesma casa) — "Vou ter prejuízos incalculáveis com este despejo. Nem gosto de pensar. Vou sair daqui sem recursos para enfrentar a vida lá no mato.

Por enquanto dizem que o transporte da mudança é por conta da Justiça, mas dizem que vão levar só os móveis de dentro de casa e que o resto (casas,

animais, galpões) ficará por nossa conta.

Estão fazendo muita pressão pra gente sair o mais rápido. O tenente Silveira veio aqui hoje (dia 3 de agosto) e alertou que tudo tinha que estar removido já. Mandou que agíssemos rapidamente, porque poderia vir uma ordem mandando todos se mandarem deixando tudo aqui. Eu trabalhei demais, quase sem dormir e sem comer, e estou completamente esgotado. Não consigo mais fazer nada. Tive que tirar meus filhos dos seus empregos na cidade para ajudarem na remoção.

Tenho recursos para viver uns 15 dias lá no meio do mato. Depois, não sei... Aqui tenho uns 15 mil pés de mandioca, 30 quilos de milho e 6 mil pés de fumo plantados, com terra preparada para mais plantações, mas vou ter que deixar tudo aqui. Tenho que pagar mais de 30 horas de trator sem poder plantar.

Agora está todo mundo se atirando lá no meio da estrada na terra do Incra, mas depois cada família terá que levar tudo para outro lugar, onde estiver a área de cada um. Ninguém sabe ainda com que pedaço de terra vai ficar, onde é, como é... Não vai ser fácil, mas vou tentar. Vin pra cá em 1.962. Trabalhei, sofri muito para deixar esta terra como está e agora tenho que começar tudo de novo, doente, com a esposa também doente. Não sei se vamos aguentar.

Entre nós tudo é tristeza

ELIZA NORONHA LOPES (54 anos, esposa de Pedro Ramiro) — "Eu nem gosto de falar sobre isso. Amanhã eu vou escapar daqui porque não quer ver a demolição da casa que custou tanto suor pra nós. Lá onde o Incra está colocando a gente vai ser o fim de minha picada. Estou idosa e doente. Sofro do coração. A mãe dos Bogo teve que ser levada embora daqui antes que começasse do despejo porque também sofre do coração e não aguentaria ver toda esta violência. Eu estou aqui suportando tudo isto, mas não sei se vou resistir lá no mato.

Tinha 5 crianças indo à escola. Agora estão todos em casa e vão perder o ano letivo.

O que nos resta é sofrer. Ainda se pudesse tirar todas as minhas coisas daqui. Disseram que se não levamos embora tudo logo, vão vir aqui e botar fogo em tudo ou derrubar com trator.

Pessoas que agem assim não são gente, são uns animais. Uma pessoa tem que dar valor à outra. Esses homens não têm dó do suor dos outros. Aqui está todo mundo se esgotando e ninguém consegue mais trabalhar.

O único conforto que temos é quando dom Olívio vem aqui. O mais é só tristeza.

Ninguém está dormindo à noite.

Temos que arrumar emprego pros filhos, nem que seja pelo salário mínimo, porque levá-los pro mato passar fome não dá. Tanta coisa que a gente tem que pensar..."



Curriculum sui generis



O candidato a vereador pelo PDT, Aluizio Palmar, já está anunciando que durante os programas gratuitos para a divulgação dos candidatos, nas rádios de Foz irá divulgar um curriculum fora de série.

A intenção do candidato petetista é uma forma de protestar contra a Lei Falcão. Entre outras coisas, pretende pôr no "curriculum vitae", que foi perseguido durante o golpe de 64 obrigado a abandonar a faculdade devido a um mandado de prisão; preso em abril de 60 e torturado selvagememente durante mais de oito horas; condenado a seis anos de prisão pela Auditoria da Marinha no Rio; trocado em 71 pelo embaixador suíço Giovani Bucher e exilado durante oito anos e oito meses.

Um dos dados mais interessantes que Palmar pretende colocar em seu "curriculum" de luta contra a ditadura são os diversos cárceres do regime militar em

DEM
natural
Rua Bartolomeu de Gusmão, 1023
Foz do Iguaçu

**V. Machado
& Cia. Ltda.**
LIVRARIA
Av. Juscelino Kubitschek, s/n.
(Em frente ao Bier Haus)
Fels. (0455) 73-4386 73-4690
85890 Foz do Iguaçu - Paraná

que esteve preso. No total, o candidato a vereador pelo PDT esteve em 15 prisões e em todas resistiu ao regime militar e defendeu seus ideais democráticos e nacionalistas.

É portanto um baita "curriculum", pois demonstra uma vida de coerência em busca da concretização de um ideal que hoje a maioria da nação defende.

Delfim: um cozinheiro infernai



O bem nutrido ministro Delfim Neto continua levando a maior saraivada de críticas e não se manca estar na hora de aposentar a chuteira. Qualquer pessoa de bom senso, no lugar de Delfim, já teria pedido demissão para nunca mais voltar a exercer qualquer função pública.

Na semana que passou, as críticas ao gorducho ficaram por conta do deputado Ulysses Guimarães, respondendo as críticas que o ministro havia feito no programa do PMDB.

"Ficariamos frustrados - disse Ulysses - se ele apoiasse nosso documento - pois o que queremos é o oposto da infeliz, perversa e cruel política de governo em vigor. Se isso ocorresse, estaríamos perdidos, pois o senhor Delfim Neto é o campeão da recessão e o cozinheiro infernal dessa comida indigesta que é a recessão."

Segundo Ulysses, o ministro Delfim Neto seria "hoje reprovado na Universidade de São Paulo, onde foi professor".

O candidato ao governo do Paraná, pelo PMDB, senador José Richa, também descascou a lenha em cima de Delfim: "Pela irritação do Ministro do Pla-

nejamento fica claro que as propostas do PMDB tocaram fundo em pontos do modelo econômico que o governo não quer ver alterados. É perfeitamente natural a sua irritação: ele tem uma visão dos problemas nacionais a partir do regime autoritário que ele representa, enquanto nosso documento propõe medidas dentro de um regime democrático, que defendemos, com a participação efetiva de todos os segmentos da sociedade."

Bispo critica ufanismo tolo



"O patriotismo de outrora e o de hoje vestem roupagens diferentes. Começamos por defini-lo mal, quando o limitamos ao amor a um pedaço de chão, ainda que fascinante e generoso como o nosso", observou o bispo-auxiliar de Porto Alegre, Dom Edmundo Kunz, ao criticar a forma como se comemora a Semana da Pátria.

"Queira Deus - pediu o Bispo - que esse ufanismo tolo, que alardeia a inesgotabilidade da fonte de recursos de nossa pátria, não termine por hipotecá-la ao poderio econômico de outras nações, escravizando-a a vultosos empréstimos que avolumam, dia a dia, a nossa já astronômica dívida externa."

Preocupado com a fome, Dom Edmundo alertou que "nessa Semana da Pátria de 82, porém, as muitas panelas vazias, e os incômodos cintos apertados não conseguem de todo sair das sombras. A aflição é grande demais. Nem circo temos para distrair as nossas mágoas e ignorar os nossos problemas; não somos campeões do mundo nem em futebol, nem em automobilismo e nem em basquete. A inflação corrói a bolsa do povo e sobe vertiginosamente; a renda nacional continua nas mãos de poucos privilegiados, enquanto outros mais de 90 por cento sentem a falta incrível de recursos."

É isso aí, Dom Edmundo: não deixe o pessoal arrotar cebola azeda sem levar chumbo.

Os bombons da corrupção



Definitivamente, as ditaduras militares estão condenadas por serem incapazes de so-

lucionar qualquer problema. Pelo contrário, o agravam. Na Argentina, além dos 30 mil mortos e desaparecidos, inclusive crianças, estamos assistindo a um quadro de completo caos e corrupção. O País vive uma crise nunca antes vista em sua história. O índice de desocupação está chegando às nuvens, a deserção escolar é grande, os açougueiros vão fazer greve contra o aumento do preço da carne, pois o povo está deixando de consumir este produto, que até pouco tempo era o principal em sua mesa.

Depois de levar o país a uma guerra insensata, quando soldados voltaram mutilados por não contarem com equipamentos adequados ao frio, a ditadura militar argentina está caindo no ridículo e gerando intensa revolta popular com as denúncias de corrupção que começam a correr de boca e boca.

Durante a guerra das Malvinas, foi pedido através de uma rede de rádio e televisão que o povo doasse bombons aos soldados. O povo, motivado pela sua bondade e patriotismo, começou a levar para as escolas, instituições e igrejas caixas de bombons para os heróis que combatiam os soldados do colonialismo britânico. Acontece que todos os doadores começaram a pôr cartinhas e bilhetes dentro das caixas de bombons. Passada a guerra, foi descoberto que confeitarias e mercados da República vizinha estão

vendendo caixas de bombons com cartinhas e bilhetes para os soldados que foram dar sua vida pela pátria. Conclusão: enquanto os soldados estavam expostos ao frio e à fome nas ilhas do Atlântico Sul, os oficiais das FFAA desviaram os bombons para arrecadar fundos para os seus bolsos.

O mesmo aconteceu com o colar que pertenceu a Mariquita Sanchez de Thompson, personagem histórica, em cuja casa foi apresentada pela primeira vez o hino da República Argentina. O



colar foi doado para o fundo patriótico e desapareceu antes de chegar ao seu destino.

Toda essa história de corrupção envolvendo o fundo patriótico nos faz lembrar a famosa campanha "ouro para o bem do Brasil", organizada em 1964. Depois que os milicos apoiados pela embaixada norte-americana e pela fina flor das forças entreguistas e conservadoras do país, derrubaram o governo constitucional de João Goulart, foi organizada aqui também uma campanha para arrecadar ouro para "reconstruir o país". Em seguida, as damas dos bairros elegantes começaram a doar suas jóias e muita gente ingênua caiu no conto do vigário. Uma fortuna foi arrecadada para "combater o comunismo".

Hoje, 18 anos depois, um dos organizadores da campanha, o apresentador de televisão Flávio Cavalcanti, denunciou que o ouro desapareceu. Mas uma vez o povo foi enganado com a justificativa de "combater o comunismo", e os malandros de farda ou de terno e gravata se enriqueceram usando a bandeira brasileira como escudo para sua corrupção.

Tal como na Argentina, na Bolívia, no Paraguai, em El Salvador e outros países deste continente dominado por ladrões protegidos pelos yanques, o Brasil também faz parte do festival de ditaduras corruptas e anti-populares.

Desafio aos juizes



Não resta dúvida que as leis neste país não são feitas para serem obedecidas. Vejamos por exemplo o parágrafo número nove do artigo 146 do Código Eleitoral. Ipsi literis, aí está escrito: "na cabine indepassável onde não poderá permanecer mais de um minuto, o eleitor indicará os candidatos de sua preferência e dobrará a cédula oficial".

Ora, qualquer um pode se dar conta de que, com a atual

cédula outorgada pelo governo, é praticamente impossível para o nosso eleitor médio preencher em um minuto os nomes dos candidatos a governador e senador e os números dos candidatos a deputado federal e estadual e do vereador. Mais de 60 por cento dos eleitores são pessoas semi-alfabetizadas e normalmente levam mais de um minuto só para escrever o seu nome.

Outra jóia do Código Eleitoral é o artigo 299, que diz: "Dar, oferecer, prometer, solicitar ou receber para si ou para outrem, dinheiro, dádiva, ou qualquer outra vantagem, para obter ou dar voto. Pena - Re-

clusão de até quatro anos". Rá, quem souber de alguém que foi em cana por corromper eleitor levante a mão. E os artigos que não são obedecidos continuam. O de número 300 por exemplo, diz que ficará seis meses em cana aquele candidato que se valer de funcionário público para coagir alguém a votar ou não votar em determinado candidato ou partido. Vai faltar cadeia para a turma do partido do capeta se esta lei for aplicada.

Mas o artigo da lei que menos é obedecido e sobre o qual os juizes fazem vista grossa é o de número 302. Este promete prisão de quatro a seis anos para quem promover concentração de eleitores sob o pretexto de fornecimento gratuito de alimentos e de transporte coletivo. Ora bolas, isto é piada. Vamos ver se os juizes que ousaram despejar os colonos do Lote Grande ou que foram dedurar o jornal NOSSO TEMPO, vão ter coragem de fazer obedecer as leis no dia 15 de novembro.

Este é o nosso desafio, desde já.

Açougues jogados à imundície

Durante a campanha eleitoral de 1982, o setor de fiscalização da Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu parece a casa da mãe Joana. Esse departamento sempre foi relapso, prepotente e arbitrário, mas agora o desleixo assume proporções verdadeiramente assustadoras.

A ordem do Odorico Paraguaçu da fronteira teria sido dada aos fiscais no sentido de não pensar muito os comerciantes, com vistas às eleições de 15 de novembro. Com isso, os incautos comerciantes pensam estar "tudo na manteiga" e acabam votando no Partido do Capeta.

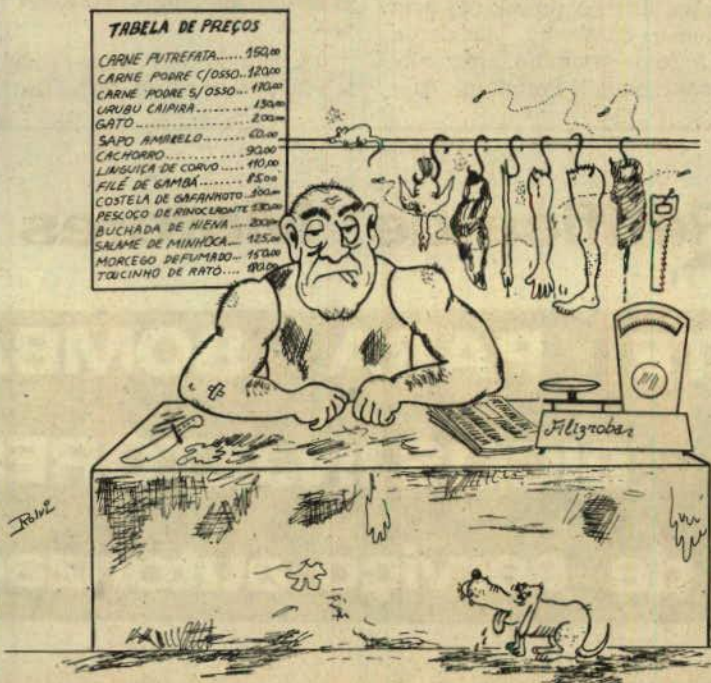
Um exemplo do requinte de desleixo a que está atirado o departamento de fiscalização é o setor de vistoria aos açougues e similares. Parece que pouca gente está pagando imposto nesse setor e os que ainda o fazem é por peso na consciência.

Mas o grave mesmo é o setor de saúde pública. Esse setor, se-

guindo as mesmas diretrizes traçadas pela gang do partido do capeta, de não multar ninguém durante a campanha, está deixando que os açougueiros, carneiros e outros bichos, cometam as mais infames infrações. Nas vitrines (sic) das casas de carnes as moscas fazem orgias, os funcionários trajam vestes sujas, bem como o capeta gosta, e a carne, que deveria ser rigorosamente fiscalizada, dificilmente o é trazendo enormes prejuízos ao consumidor.

Por causa do desleixo dos governantes, que têm intenção de ganhar a eleição, você pode estar hoje comendo uma carne contaminada oriunda do próprio animal ou nos locais onde a carne é exposta, através dos insetos voadores, responsáveis pela giardíase e outros bichos semelhantes.

Nosso chargista-colaborador Rolvi deu uma voltinha nos açougues de Foz e fez um retrato:



PDS tem zona na cidade



A zona do meretrício foi definitivamente ampliada desde Três Lagoas para o centro da cidade. Quem está protestando são os moradores da Rua Rui Barbosa, esquina com a Avenida Juscelino Kubitschek. Aquilo aí é bagunça durante toda a noite. As damas da noite fazem ponto na esquina e depois de levantar o cliente vão para o Hotel Fortaleza II.

Os moradores da vizinhança da casa de meretrício já encaminharam abaixo-assinado às autoridades e atualmente estão com uma ação criminal contra o proprietário do "Hotel". Mas, pelo que eles dizem, todas as ações e protestos foram bloqueados mais em cima, pois o proprietário da "zoninha" é protegido do deputado Tércio Albuquerque.

"O dono desta pocilga foi cabo-eleitoral do Tércio nas eleições de 78 e agora é novamente. E como prêmio do deputado do PDS, ganhou a cobertura", disse um dos moradores. Conforme dizem estes moradores, a "zoninha" é assiduamente frequentada pelos candidatos do PDS que ali fazem bacanal até altas horas da noite.

Gigolô de paraplégico



O uso da miséria humana tem sido uma das maiores excessências da nossa sociedade através dos tempos. Tirar qualquer proveito da desgraça alheia é uma coisa terrível especialmente quando o fim é político-eleitoral — como fizeram os cavaleiros do PDS, mais conhecido como partido do capeta.

Num comício realizado no último dia primeiro, nas proximidades do local conhecido por Bolão, quando se apresentaram ao público candidatos do calibre de um Tércio, Beto Koelbl, João

NOVO PONTO DE ENCONTRO DA CIDADE

LANCHES SOL HOTEL

COMPLETO SERVIÇO DE RESTAURANTE A LA CARTE

ATENDIMENTO 24 HORAS POR DIA

Avenida Brasil, 74 - Fone 73-1341
FOZ DO IGUAÇU

Lei Falcão ou gozação?



E, fazendo mais chacota e dando caráter de farsa às eleições, a resolução do TSE diz que ninguém poderá impedir a propaganda eleitoral. Quer dizer, proíbem tudo, depois proíbem de proibir. Não são uma gracinha?

Taborda dá a volta por cima

[illegible]

**Ligue-se
nestas
promoções
do grupo
«Arte-
Manha»**

Para começar suas atividades, o Grupo Arte - Manhã programou diversas promoções para a Semana da Árvore, que vai de 21 a 26 de setembro, em cooperação com a Prefeitura, Igre-

**A melhor
escola é o
livro**



Deu para sentir o espírito da coisa? Pois é, é ler, aprender e se divertir às gargalhadas com o livro, à venda nas livrarias e bancas de Foz. Falou?

Música
Notícias

RÁDIO CULTURA

AM 820 KHZ
FM 97.7 MHZ

RETIFOZ Retifica de Motores Ltda

ALCOOL

TESTE PARA BOMBAS E BICOS INJETORES

Posto de serviço autorizado Bosch

Foz do Iguaçu - Paraná

Partido do Capeta apronta no Profilurb:

VERGONHA TOTAL NO COMÍCIO DO PDS DE FOZ

ras e toda a série de coisas ruins saíram da boca dos candidatos a vereador pelo partido do Capeta. Saíram coisas do arco da velha, que não podem ser publicadas nestas páginas em respeito ao leitor. Um candidato falou pior que o outro enquanto o povo assistia de braços cruzados, indiferente a tudo.

Mancadas enormes saíram da boca do candidato Jairo Oliveira (patrocinado pela Prefeitura) e mancadas ainda maiores saíram da boca de outros que só foram aceitos para angariar uns votos a mais para o candidato a deputado que não tem as mínimas condições de se eleger.

O candidato a reeleição para a Câmara, João Küster, (aquele que ganha polpidos salários da Prefeitura para ficar em casa assistindo televisão), teve a petulância de dizer que "há anos luto em defesa do povo pobre..." e aquelas lorotas de sempre. Usando o velho chavão "como filho de Foz do Iguaçu que sou", João Küster pensou estar agradando, mas foi friamente recebido pelo público.

A mancada da noite, porém, ficou a cargo do comandante-em-chefe do partido do capeta em Foz. (Aquele que usa as máquinas da Prefeitura para compactar seus terrenos) Arnaldo Chemin. Com os olhos vermelhos de ódio e vomitando fezes pela boca, Arnaldo Chemin desceu o verbo contra o jornal Nosso Tempo. Ele iniciou dizendo aquelas mentiras que todos os candidatos do PDS dizem: "A oposição só sabe criticar e não faz nada..." para depois partir com ofensas e insultos a este jornal, qualificando-o de "panfleto vermelho que circula às quintas-feiras e que só serve para transmitir o ódio e ofender as autoridades legalmente constituídas".

Chemin conclamou ao povo para "não levar aos seus lares esse vírus vermelho que para nada serve senão destruir", e daí pra frente, diante da indiferença e desprezo do povoão, se engasgou todo e não conseguiu mais falar coisa com coisa.

Outro a dizer muita bobagem através de sua fala demagógica foi o deputado federal Antônio Mazurek (aquele que está envolvido no rolo do Hospital Menino de Deus e, por último num contrabando em Foz do Iguaçu). Ele se auto intitulou defensor da democracia, dos direitos humanos e da paz social. Afirmou que os parlamentares da oposição fogem do plenário quando é para votar projetos que beneficiem o Paraná, mas esqueceu-se de dizer que abandonou o plenário quando foi para votar matéria de relevante interesse para todo o povo brasileiro.

As mancadas da noite, porém, estava reservadas ao representante direto do Partido do Capeta no Paraná, o deputado Tércio Alves Albuquerque. Tércio

veio com a ladainha de sempre. Invocando a Deus para que lhe desse forças para continuar na sua luta "de defensor do povo de Foz do Iguaçu", Tércio disse que o povo "não deve confiar na oposição" e chegou ao cúmulo ao afirmar categoricamente que "se está ruim com o governo, muito pior vai ficar sem ele", esquecendo-se de dizer que a culpa pela situação atual é do próprio governo.

Depois de falar um monte de lorotas, o deputado do partido do Capeta enveredou para o jornal Nosso Tempo. Vomitando cebola azeda e pepino podre, Tércio Albuquerque disse ter conversado com os homens da oposição "para que eles lançassem somente um candidato a deputado estadual por Foz do Iguaçu. Mas eles não quiseram. Preferiram lançar três nomes, com a finalidade de me prejudicar, ficando, assim, Foz do Iguaçu a mercê de não ter nenhum representante na Assembleia Legislativa. Essa oposição - continuou Tércio - é a mesma que fica financiando esse jornaleco vermelho, feito por notórios comunistas que não conseguem emprego em lugar nenhum e que ganharam a conta em órgãos públicos onde trabalhavam".

O deputado vomitou mais algumas asneiras e se despediu do público que só o aplaudiu devido aos inúmeros puxa-sacos distribuídos arditamente em meio ao povoão. Mesmo assim, os aplausos foram fracos e frios.

Tércio falou pouco tempo. Está doente e abatido, pois ainda está se recuperando de uma operação que sofreu recentemente, visando corrigir algumas cicatrizes deixadas por um nebuloso acidente automobilístico que sofreu no trevo da Ponte.

O Capeta ainda não estava satisfeito com o que seus representantes na terra haviam feito. Para completar a noite uma dupla caipira foi convocada pa-

ra entoar uma música "especialmente composta para o deputado Tércio Albuquerque". A música "especialmente composta" nada mais era do que um plágio do "Fusão Preto", do Trio Parada Dura, prova que o PDS não respeita nem mesmo as músicas sertanejas e os direitos autorais.

Para que os leitores não fiquem alheios ao ponto que a safadeza do partido do capeta atinge, vamos transcrever algumas partes da canção entoada em homenagem a Tércio:

"Me disseram que ele vai ganhar de novo/
É candidato a deputado estadual
Tércio Albuquerque é
o candidato do povo/
O seu trabalho é mesmo
sensacional/

"No dia 15 de novembro vote certo/
Muito cuidado para você
não errar/
Pra deputado estadual vote no
Tércio/
Representante do Oeste
do Paraná/

"Tércio Albuquerque,
Nosso amigo e nosso irmão...
A cidade e o sertão...
Ele sempre defendeu.
Tércio Albuquerque...
Com trabalho e muita luta...
Vai vencer essa disputa...
Com o seu voto e o meu.

Resta saber se "o seu voto e o meu" é só da dupla de plagiadores. Quanto ao "trabalho sensacional" do "candidato do povo" é bom dizer que só se for sensacional para as classes dominantes, porque o povo vive desempregado e na miséria. Com relação ao estrebelho: "... Nosso amigo, nosso irmão", Deus me livre ter um irmão desses e quanto "a cidade e o sertão" que "ele sempre defendeu", é pura cascata, porque ele não defende coisa nenhuma, a não ser seus próprios interesses.



Quem assiste a um comício do PDS fica com verdadeira pena do partido do Capeta. Os poucos gatos pingados que vão ver a ladainha dos candidatos do partido do governo vão naquela de "maria vai com as outras", mas ninguém participa, ninguém vibra, ninguém aplaude.

A prova disso pode ser tirada por qualquer pessoa que for assistir a um dos milionários comícios programados por esse partido que vem infernizando a vida do povo, antes como Arena, hoje como PDS, todos do mesmo saco.

O comício realizado no último final de semana no Profilurb II foi uma demonstração de incompetência, safadeza e burrice. Cerca de 400 pessoas mal vestidas e pessimamente nu-

tridas conseguiram ser juntadas pelo partido do Capeta depois de dois dias de incessantes apelos dos moradores daquele bairro pobre para que fossem assistir ao comício do PDS. Para fazer esse conclave, a gang do PDS não hesitou em torrar o dinheiro daquele pobre povo faminto.

Com a barriga roncando, as crianças sentindo falta de escolas a água escassa e a energia elétrica a preço de ouro, os populares foram ouvir as lorotas do PDS e de lá saíram ainda mais amargurados.

O comício foi o que se pode chamar de o supra-sumo da ignorância: primeiro falaram os vereadores... Parecia um concurso de burrice: ganhava aquele que falava pior. Galhofas, muquiranices, narcisices, menti-

NOVO MUNDO
FOZ

Novo Mundo

ELETRODOMÉSTICOS

Av. Brasil, 891 - Centro de Foz

UMA NOVA MENTALIDADE
PARA FOZ E REGIÃO

Móveis - confecções - cama - mesa
banho - Eletrodomésticos.

TUDO PELO CREDIÁRIO ATÉ
20 MESES OU EM 4 PAGAMENTOS

Atenção: Compre um toca-fitas e
ganhe de brinde 2 caixas de
SOM - SHARP - Instalação gratuita



PEÕES DENUNCIAM PODRES NO CEMITÉRIO

Foram demitidos por serem da oposição — Engenheiro da Prefeitura levava biscates para o mato — Antônio Soares mete a mão no dinheiro da igreja — Sampaio deu aviso-prévio aos peões que encaminham títulos pelo PMDB.

Os quatro peões da prefeitura que trabalhavam no cemitério municipal e foram demitidos por perseguição política entraram na quinta-feira passada com uma ação judicial reivindicando os seus direitos. Além de Fuad Ibrahim, Pedro Francisconi e Naur Neckel, foi demitido no início da semana passada Antônio Pedro da Silva.

O ato de vingança praticado contra os quatro peões por Antônio Soares, engenheiro Renan, Sampaio e outros marajás da Prefeitura, está deixando na miséria mais de 22 dependentes.

Tudo começou quando o candidato a vereador pelo PMDB Dobrandino Gustavo da Silva, providenciou o título de Antônio Pedro da Silva. Assim que Antônio Soares soube, mandou o peão até o Diretório do PMDB buscar os papéis assinados e as fotos de volta. "Aqui, quem faz título sou eu e o peão que procurar o PMDB eu mando pra rua", disse o vingativo candidato do PDS. A partir de 11 de julho, a vida desses peões passou a ser um inferno, pois o partido do capeta começou a perseguir todos eles.

Mas, apesar das perseguições os peões ficaram firmes mantendo sua opinião política. "Não aceitamos que se misture política com trabalho. Nós cumprimos

com o nosso dever e consideramos ser direito ter opinião", disse Fuad Ibrahim.

Dias depois, Fuad foi até a casa de Dobrandino e pediu uma passagem para Curitiba para uma senhora doente que precisava urgente atendimento médico. Foi a gota d'água. Antônio Soares foi até o DRM e disse para o engenheiro Renan que os peões estavam fazendo comércio com o PMDB dentro do cemitério. Os três peões foram então chamados à Prefeitura. Ali, na presença de outras pessoas, o secretário de administração Milcíades Sampaio perguntou aos peões se eles eram da oposição. Estes responderam sem vacilar que sim e quiseram saber o porquê da pergunta, já que estavam ali para tratar de problemas relacionados ao serviço. Os marajás ficaram sem argumento e mandaram os peões passarem pelo departamento pessoal para receber o aviso-prévio.

Em resumo, os peões do cemitério foram demitidos por encaminharem seus títulos através da oposição. E a medida, além de alcançar Fuad, Francisconi e Naur, chegou também para Antônio Pedro. Todos foram punidos devido às suas convicções políticas. Mais uma vez o partido do capeta castiga quem não reza pela sua cartilha de corrupção e atitudes anti-povo.

A partir daí, começaram a aparecer todos os podres de Antônio Soares e Renan. O primeiro é acusado de chunchos no cemitério e de usar gasolina da prefeitura para fazer campanha política. Quanto ao engenheiro Renan, os demitidos dizem que nunca foi até o cemitério fiscalizar. "Ele ficava na casa do Antônio Soares tomando pinga todas as vezes que aparecia por lá. A única vez em que subiu até onde estão as sepulturas foi para levar uma biscate para o meio do mato" disse um dos demitidos.

SOARES PÔE A MÃO NA GRANA DA IGREJA

Mas as aprontações de Antônio Soares não são só estas. Nestes últimos dias a comunidade do Jardim São Paulo acusou o candidato a vereador pelo partido do capeta de pegar emprestados 22 mil cruzeiros do caixa da comunidade, dinheiro que foi arrecadado numa festa feita para angariar fundos para a igreja. Antônio Soares pegou o dinheiro emprestado no dia 9 de setembro, do ano passado e até agora não pagou.

O padre Hans Lemprecht antes de mudar-se para Curitiba,



FUAD IBRAHIM E NAUIR NECKEL DA ROSA, demitidos por serem da oposição.

deixou uma nota declarando que várias vezes pediu o dinheiro de volta, e Soares o levava na conversa. O padre inclusive explicou que este dinheiro estava destinado à construção da igreja do Jardim São Paulo, mas mesmo assim o caloteiro inventava qualquer desculpa e não pagava.

Estes são os candidatos do partido do capeta. Além de meterem a mão na grana da igreja, ainda perseguem trabalhadores honestos que defendem seu direito de ter opinião distinta à de seus superiores.

Mas vingança de Antônio Soares e dos marajás não termina aí. Além de porém na rua da amargura os peões, agora, passam a difamá-los, acusando-os de ladrões. Mas a acusação não tem nenhuma base. Soares acusa os peões de venderem as cerquinhas e a cruz para os parentes dos mortos.

"Nós não negamos que vendíamos as cerquinhas e a cruz. Fazíamos este serviço em nossas casas e fora do expediente normal e com pleno conhecimento dos superiores", diz Fuad Ibrahim.

"QUEREMOS OS 40 POR CENTO DE INSALUBRIDADE"

A acusação de Soares está baseada num plano da administração municipal de que o Cemitério Parque Iguaçu não teria cercas e cruz na vertical sobre as sepulturas. Acontece que o mesmo Antônio Soares, numa entrevista dada a este jornal no ano passado, disse ser impossível convencer os familiares dos mortos de que as sepulturas deveriam ficar sem nada em cima até a Prefeitura providenciar as lajes com inscrição. Por isso, e devido também a que até hoje a Prefeitura nada providenciou, ele e o engenheiro Renan decidiram autorizar as cercas e a cruz. Foi aí então que os peões começaram a fabricar em suas casas, mediante pedidos dos familiares, as cercas e a cruz, com o pleno consentimento de Antônio Soares. "Agora eles vem com esta história de que nós fizemos coisa ilegal. Isto é uma forma de querer nos desprestigiar. Mas nós

não arredamos pé. Somos trabalhadores honestos e, se fizemos este extra, é porque o salário da Prefeitura não basta nem para manter nossas famílias", disse Francisconi.

Os trabalhadores perseguidos estão decididos a levar até o fim a luta pelos seus direitos. A ação judicial que já está sendo encaminhada pelo advogado Paulo Moraes reivindica 40 por cento de insalubridade que não foi pago pela Prefeitura. "Isto é só o começo, pois nós estamos a fim de fazer valer todos os nossos direitos", disse Fuad Ibrahim.



Técnica em televisão a cores e video-cassete;
Conversão de sistemas NTSC e PAL M. N.

VIDEOTEC—ELETRÔNICA LTDA.

Rua Edmundo de Barros - Galeria Flávia
Sala 3 - Fone 74-3553 FOZ DO IGUAÇU — PR.

AQUI VOCÊ TEM
A GARANTIA DO
MELHOR SERVIÇO

OFICINA ZANIN

MECÂNICA, CHAPEAÇÃO E PINTURA DE
AUTOMÓVEIS E CAMINHÕES



Rua Um, 88 - Vila Pérola -
Fone 73-1690 e 73-1283
Foz do Iguaçu - PR.

RECIBO		22.000,00
Recebido de Sr. Pe. Hans Lemprecht SVD, ou Congregação		
Verbo Divino (Provincialado Curitiba)		
O valor de: Vinte e Dois Mil Cruzeiros		
referente: empréstimo, por 30 Dias		

Foz do Iguaçu, 09 de setembro de 81

Emite: 1.121.183
Endereço: Est. de Para
Antônio Soares
C.O.C. OFF-RS
Foz do Iguaçu, Am. Foz, Parque Iguaçu

Declaro que, várias vezes, pedi o dinheiro emprestado de volta mas até a data da minha saída não o recebi. Caso que for entregue aqui, na Secretaria, autorizo dar um recibo para o Sr. Antônio Soares e o dinheiro seja entregue à Caixa da Comunidade do Jardim S. Paulo como auxílio para a construção.

Foz do Iguaçu, aos 14 de janeiro de 1982

Pe. Hans Lemprecht SVD

PS. Gostaria receber uma comunicação quando a Comunidade do Jardim S. Paulo receber o dinheiro!

Pe. Hans Lemprecht SVD

Padre Hans desesperado, pois o dinheiro não era devolvido.

Atenção ladrões de carros:

PODEM PASSAR QUE A PONTE ESTÁ LIVRE

É isso mesmo. Agora os ladrões de carros podem deitar e rolar. Nem Polícia Federal, nem Civil, nem Receita Federal, nem a Polícia Rodoviária Federal querem segurar a batata quente da repressão ao contrabando de carros na Ponte da Amizade.

A Polícia Federal não quer mais se envolver e garante que isso é competência da Polícia Rodoviária Federal. Garantem, no entanto, que se aparecer denúncia eles apreendem o veículo roubado que tentar passar pela Ponte da Amizade.

A Polícia Civil, há muito que está fora da jogada, pois teria sido proibida de atuar na área da Ponte. Quanto a Receita Federal, desde o mês de agosto não tem feito qualquer coisa para evitar o contrabando. O chefe daquela repartição teria expedido ordem aos seus fiscais para não se envolverem mais na repressão ao contrabando de veículos. Alguns fiscais, por conta própria, continuam pedindo documentos quando o motorista ou o veículo é suspeito. Dias atrás, segundo informações extraoficiais colhidas com populares na Ponte da Amizade, um caminhão quase novo teria passado a toda velocidade na Ponte da Amizade quando um fiscal da Receita deu um tiro nos pneus sem contudo ter conseguido deter a marcha do mastodonte.

A Polícia Rodoviária Federal, a quem, segundo Receita, Polícia Federal e Civil, competiria a atividade de reprimir contrabando de veículos na Ponte, há vários meses não move um dedo. A vaga que existe na entrada da Ponte da Amizade para uma viatura daquela repartição

ficar permanentemente está vaga. Há meses também que não se vê a presença de um patrulheiro rodoviário naquelas imediações, apesar da sua sede ficar bem próximo da Ponte.

Há uma guerra fria entre todas as repartições e ninguém sabe mais o que fazer nesta esculhambação toda. Parece que tanto os patrulheiros rodoviários, como o pessoal da civil e os agentes da Polícia Federal teriam grande interesse em ficar na Ponte da Amizade exercendo a função de repressão a veículos roubados, por ser talvez uma atividade rendosa devido as propinas. As chefias, entretanto, não querem saber do pepino pois não querem ver seus prepostos envolvidos em escândalos.

A questão teria começado quando um patrulheiro rodoviário teria detido um agente da Polícia Federal com um carro roubado. Em represália, agentes dessa repartição teriam dado uma geral em todos os patrulheiros até que pegaram um com a mão na massa trazendo contrabando do Paraguai. Aí começou a guerrinha entre as repartições e até hoje um agente federal não hesita em comer os olhos do patrulheiro e vice-versa.

Para dar um fim a essa guerrinha os chefes acharam uma solução sui-generis: acabar com a fiscalização.

AMOP NA JOGADA

Preocupada com o aumento assustador de veículos roubados, a AMOP — Associação dos Municípios do Oeste do Paraná, trocando os pés pelas mãos, resolveu ter uma conversinha de pé de ouvido com o ditador paraguaio Alfredo Stroessner para ver se o homem forte daquele regime brutal dava um jeito

na situação. Depois de reuniões em várias cidades dos municípios componentes da associação, quando os prefeitos gastaram gasolina a rodo, extorquindo ainda mais os já minguados cofres das prefeituras, decidiram fretar um ônibus e viajar a Assunção onde se entrevistariam com Stroessner. O Itamaraty, porém, melou a intenção dos alcaides oestinos transmitindo um aviso dando conta de que tal assunto não poderia ser tratado com o ditador paraguaio. A viagem, entretanto, não foi cancelada e os prefeitos gastaram o final de semana fazendo festas e trocando gentilezas falsas com as autoridades paraguaias. Desesperados por não conseguir nada no sentido de evitar o contrabando, os prefeitos procuraram ter com o prefeito de Assunção para assim ter uma explicação a dar quando voltassem para seus municípios. Um dos alcaides teria dito inclusive: "Alguma coisa precisamos, fazer, nem que seja para enganar a torcida". O prefeito de Assunção, general (só podia, né) Pereira Ruiz Dias respondeu aos prefeitos que o contrabando de veículos para o seu país devia ser debatido à polícia brasileira, deixando os "amopianos" com a cara no chão.

Na volta de Assunção alguns prefeitos da AMOP passaram por Foz do Iguaçu, onde aproveitaram para desfrutar de mais algumas mordomias.

"GOVERNADOR" ENTRA NA DANÇA

Visando certamente a tirar proveito político da situação, o governador biônico José Hosken de Novaes assinou decreto criando os Setores de Furtos de Veículos, na estrutura orgânica e operacional das Subdivisões Poli-



Imediações da Ponte da Amizade: por aqui passam inúmeros carros roubados.

ciais dos Municípios de Foz do Iguaçu, Cascavel, Maringá, Pato Branco, Londrina, Jacarezinho, Ponta Grossa e Umuarama. Esses órgãos são destinados a coadjuvar a execução da prevenção e repressão dos furtos e roubos de veículos no âmbito das respectivas subdivisões.

A implantação desses novos setores não derroga a competência da Delegacia de Furtos e Roubos, estabelecida em norma regulamentar específica.

E quase evidente que estes órgãos não irão funcionar a contento e deverão mesmo ser desativados após a eleição de novembro.

PROBLEMA GRAVE

Cerca de dois terços da frota de carros de fabricação brasileiro no Paraguai são roubados no Brasil. O problema é antigo — data de mais de 10 anos atrás, e ao invés de caminhar para um basta, está indo para o requinte da competência em matéria de banditismo.

O roubo de carros no Brasil por quadrilhas paraguaias, em conluio com quadrilhas de marginais brasileiros, aliados a maus policiais, já atingiu as raízes do irrefreável. Para começar, nem uma milésima parte dos carros introduzidos ilegalmente no Paraguai são possíveis de recuperação pelos seus donos reais. E isso se deve, basicamente, ao envolvimento de autoridades poli-

ciais brasileiras e do exército paraguaio nessa lucrativa e impecável organização de delinquentes.

Embora esteja desvendado a exaustão o gravíssimo problema, não se nota de parte das autoridades diplomáticas dos dois países o menor sinal de intenção de atacar a questão. Sabe-se que os principais beneficiários do roubo de carros brasileiros por paraguaios são alguns oficiais militares e elementos ligados diretamente ao regime vampiresco de Stroessner. Daí a extrema dificuldade com que as vítimas de roubos de seus veículos encontram no paraíso da corrupção, que é o Paraguai.

A gravidade da situação e a desenvoltura com que atuam as quadrilhas, bem como as provas disponíveis, explicam com precisão que tudo só é possível graças a participação de autoridades policiais e alfandegárias brasileiras e paraguaias nessas operações.

Tudo isso significa que não é da polícia que se deve esperar o combate ao roubo de carros, pois esta está atolada dos pés à cabeça nesse lucrativo negócio binacional e as provas são os inúmeros agentes policiais pegos com a mão na massa há pouco tempo.

Solução para o problema de roubo de carro existe. O que falta é apenas uma coisa: vergonha na cara.

GRUPO UNIVERSAL

CONFIE EM QUEM LHE OFERECE O MELHOR

AUTO PEÇAS UNIVERSAL

RETIFICA, PINTURAS, CHAPEAÇÃO CONSERVATOS E INSTALAÇÕES ELÉTRICAS EM GERAL. REPRESENTANTE DOS PNEUS, PIRELLI, GOUDRICHE, BATERIAS DUREX.

COMERCIO UNIVERSAL DE PNEUS

BORRACHARIA COM MÁQUINA HIDRÁULICA ESPECIAL PARA RODA DE MAGNÉSIO. ALINHAMENTO ELÉTRONICO. REGULAÇÃO DE MOTOR COM GARANTIA DE 3.000 KM.

FERRAGENS UNIVERSAL

TINTAS AUTOMOTIVAS PARAFUSOS E FERRAMENTAS DE VÁRIAS ESPÉCIES. LINHA COMPLETA DE MATERIAIS DE PINTURAS.

EXP. DE PNEUS E BATERIAS

COMPRESSORES MACACOS, MOTOSERRAS, BOMBAS DE ÁGUA, MOTORES ELÉTRICOS, ETC.

POSTO UNIVERSAL

LAVAGENS LUBRIFICAÇÃO PULVERIZAÇÃO TROCA DE ÓLEO E POLIMENTO

Av. Juscelino Kubitschek, 1646 - em frente o BORDIN

FOZ DO IGUAÇU

PARANA



Mazurek: fazendo um contrabandozinho

Deputado pego com a mão na massa: MAIS UM ESCÂNDALO DE MAZUREK

Ultimamente o deputado federal Antonio Mazurek, do partido do Capeta (também conhecido como PDS), tem dado para armar escândalos. No mês passado, Mazurek andou fazendo pressões junto ao INAMPS para que o órgão não descredenciasse o Hospital Menino de Deus, de Palotina, depois que foram constatadas inúmeras irregularidades naquele nosocômio.

O último escândalo do parlamentar foi no Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu. O parlamentar estava chegando em Foz, quando o Auxiliar de Vigilância e Repressão Nelson Aguilera, o interpelou pedindo para revistar sua bagagem. Mazurek disse que não trazia nada mas o fiscal insistiu. O deputado levantou pra seis: "Sou depu-

tado do PDS e amigo do Massad e você não deve revistar a minha bagagem".

O fiscal respondeu que ninguém era isento de fiscalização e Mazurek ficou ainda mais nervoso: sacou da carteira de deputado e mostrou ao fiscal ameaçando-o de mandar despedi-lo caso insistisse em revistar sua bagagem.

Sabendo estar apenas cumprindo com o seu dever, Nelson Aguilera chamou um agente da Polícia Federal e contou a história. Os dois levaram o deputado a uma sala reservada onde Mazurek foi obrigado a abrir a mala, ao mesmo tempo em que dizia que iria tomar providências contra os dois agentes da lei.

Na mala de Mazurek foi encontrado alguns aparelhos eletrô-

nicos e outras bobagens sem grande importância. Mazurek foi então obrigado a ir até a Delegacia da Receita Federal onde pagou os impostos correspondentes às mercadorias ilegalmente introduzidas no País mas as guias saíram em nome de outra pessoa para evitar que ficasse comprovado o envolvimento do deputado em contrabando.

Restava agora a vingança do deputado. Mazurek conversou com os chefes da Receita em Foz exigindo que o fiscal fosse demitido mas não obteve êxito. Telefonou então ao superintendente no Paraná, Massad Deud Filho (o mesmo, que, tempos atrás, andou envolvido em contrabando, quando um fiscal pegou seu carro cheio de munições) e este ordenou então que

Aguilera recebesse 5 dias de suspensão.

Revoltada com tal atitude, a supervisora de Aguilera, Natalina pagou de seu próprio bolso os dias descontados da folha de pagamento do rapaz, alegando que ele apenas cumpriu as suas determinações, quais sejam: de fiscalizar todos os suspeitos, indistintamente.

Sabe-se que para não acontecer mais esse tipo de vexame, o Inspetor da Receita Federal, Lázaro dos Santos Costa, que também não é flor que se cheire, teria transmitido aos fiscais que não mais fiscalizem bagagem de deputados, senadores, prefeitos e outras autoridades ligadas ao partido do governo, mais conhecido como PDS, ou como queira, partido do Capeta.

CHUNCHOS NOS CONTRATOS DE PAVIMENTAÇÃO

O povo de Foz do Iguaçu continua a resistir ao pagamento das altas taxas justificadas como de melhoria pela Prefeitura. O preço social para o asfaltamento das ruas da cidade chega a ser dramático. Moradores de vários bairros da cidade estão vendendo seus lotes a preço de banana para ir morar na periferia. Outros estão deixando de pagar contas na farmácia, colégios ou nos armazéns para evitar que sejam castigados pela assustadora dívida ativa. Existem casos de famílias que estão racionando os alimentos para que sobre alguma coisa para pagar as prestações.

Atrás dos asfaltamentos a preços insuportáveis estão os especuladores imobiliários. Existe suspeita de que alguns marajás da Prefeitura e Codefi estão associados com empresas imobiliárias. Quando eles ficam sabendo de alguém que não pode pagar o asfalto, fazem então chegar os especuladores de imóvel. Atuam em conjunto como aves de rapina em seu vil plano de tirar da área central os contribuintes mais carentes.

Levantamentos feitos por técnicos no assunto comprovam que o preço do asfalto de Foz do Iguaçu é o mais caro do Paraná. Portanto, há muita gente se

enriquecendo às custas da desgraça alheia.

Por outro lado juristas de renome têm declarado a inconstitucionalidade da taxa de melhoria incluída no Código Tributário Municipal. Várias ações foram encaminhadas à justiça. Todas essas ações coincidem em que é exorbitante a taxa de asfalto e que o dinheiro do povo é utilizado para pagar obras suntuosas sem nenhum objetivo social. Uma das ações toma como base a Lei Municipal 809, que em seu artigo 92 exige que os imóveis presumivelmente beneficiados sejam individualizados no edital que publica o preço da obra. Esse preceito a Prefeitura não tem cumprido. Por outro lado, o artigo 90 da mesma lei municipal diz que o rateio dos gastos deve ser feito considerando o valor cadastral dos imóveis e não somente a testada dos lotes. Esse artigo diz que a distribuição gradual de contribuição de melhoria entre os contribuintes será feita proporcionalmente aos valores venais dos terrenos, presumivelmente beneficiados, constantes do Cadastro Municipal de Contribuintes".

Nada disso tem sido feito. Os tecnocratas, com o pleno aval do prefeito nomeado, coronel

Clovis Vianna, obrigam os moradores das ruas asfaltadas a assinar o termo de compromisso. Caso estes se neguem a assinar, ameaçam fazer a obra assim mesmo e depois encaminhar a dívida para o departamento jurídico. Os proprietários, coagidos pela terrível dívida ativa, preferem vender a propriedade antes de terem que entregar para pagar o asfalto.

Não resta dúvida de que este procedimento está gerando corrupção em altos escalões da administração pública municipal. E a corrupção surge na celebração de contratos públicos, falsificando concorrências, etc. E o poder econômico aparece em geral estreitamente vinculado ao poder público. O arbítrio e seus agentes estaduais e municipais tem se notabilizado por utilizar o dinheiro público para pagar obras faraônicas que mais contribuem para o agravamento da crise social. Este é o caso da Taxa de Pavimentação, cujo valor constitui um verdadeiro assalto.

O que está sendo feito em Foz do Iguaçu é um verdadeiro crime, um desrespeito aos direitos do cidadão. Afinal, todos podem morar em ruas asfaltadas sempre que paguem o asfalto,



Secretário de Finanças da Prefeitura, mais conhecido como "dívida ativa".

mesmo que tenha como resultado noites sem dormir, fome e outros sacrifícios da população iguaçuense. Não resta dúvida, que o prefeito nomeado e seus desumanos assessores não estão interessados no bem estar do povo, mas em locupletar as empresas pavimentadoras.

PALACIO ESPORTES

TUDO PARA SEU ESPORTE

E COO SPORTIF
PENALTY
HERING
PEROLA
ELITE
TOPPER
ADIDAS
RAINHA

Troféus para todas as modalidades

R. Jorge Samways, 460
Fone: (0455) 74-1232
Foz do Iguaçu - Paraná

METALURGICA ARTE MODERNA LTDA.

INDUSTRIA & COMÉRCIO

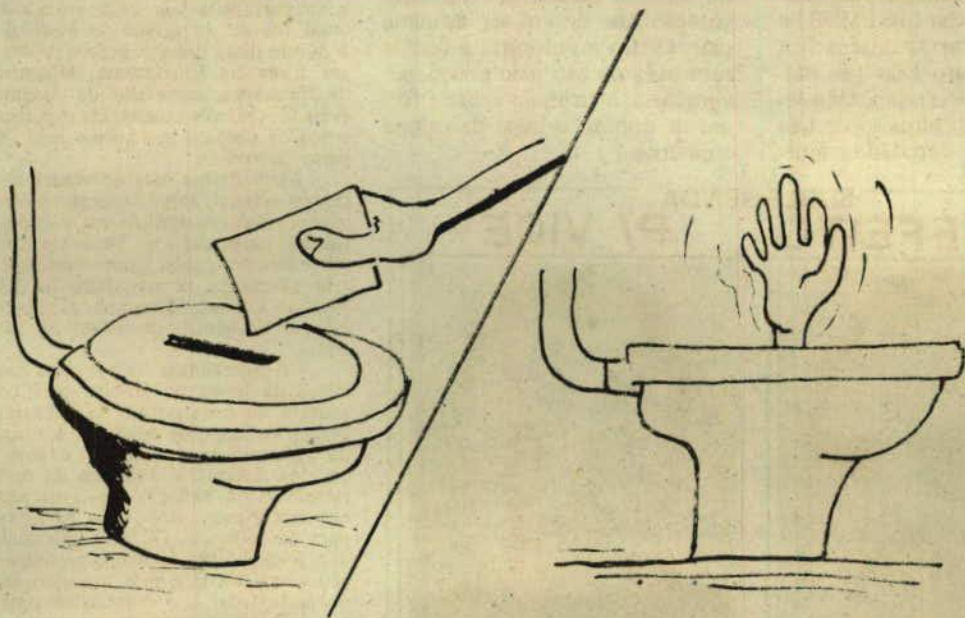
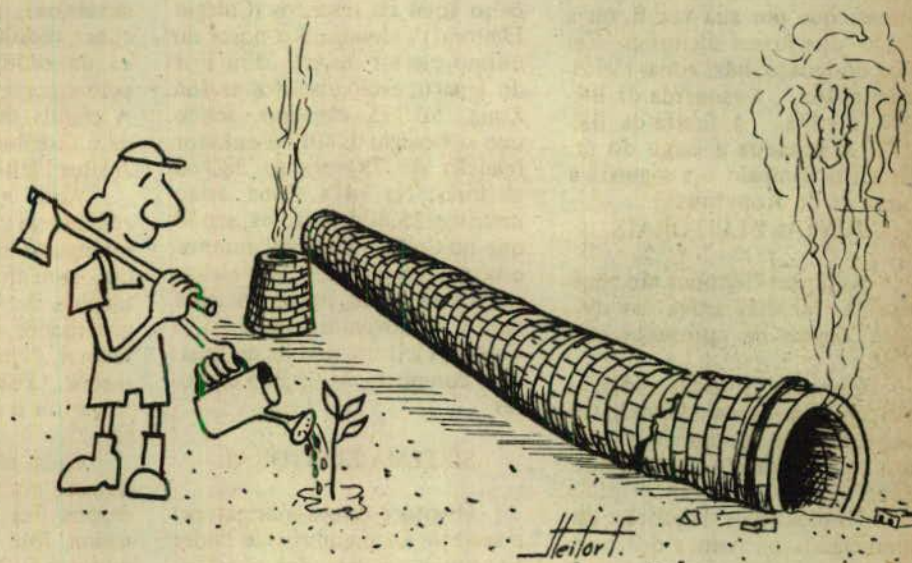
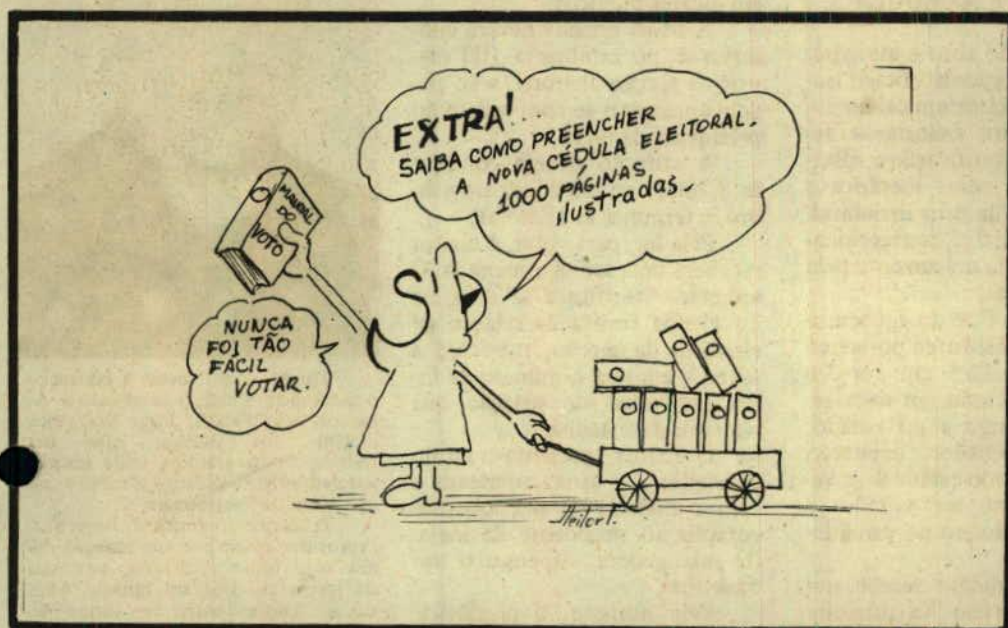
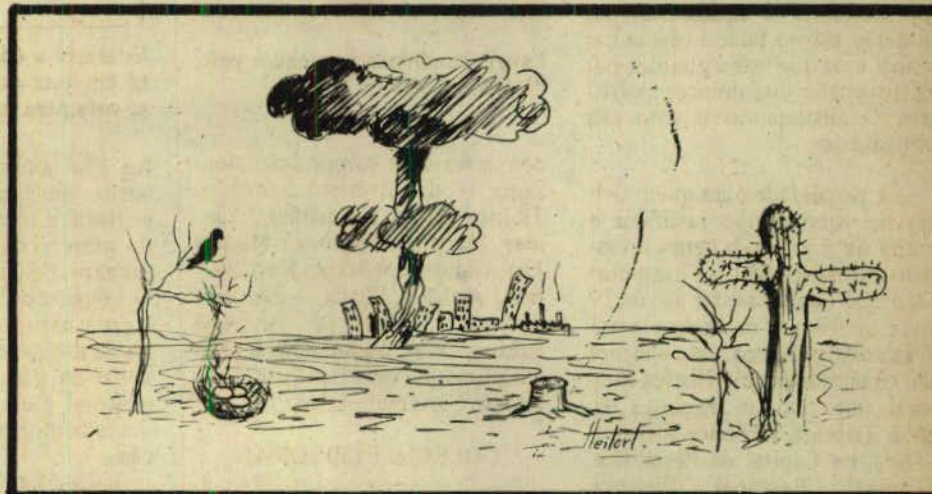
JANELAS - PORTAS - GRADES
ESTRUTURAS E ARTESANATO

Rua Jorge Samways, 1043
Fone (0455) 74-2588
FOZ DO IGUAÇU - PR.

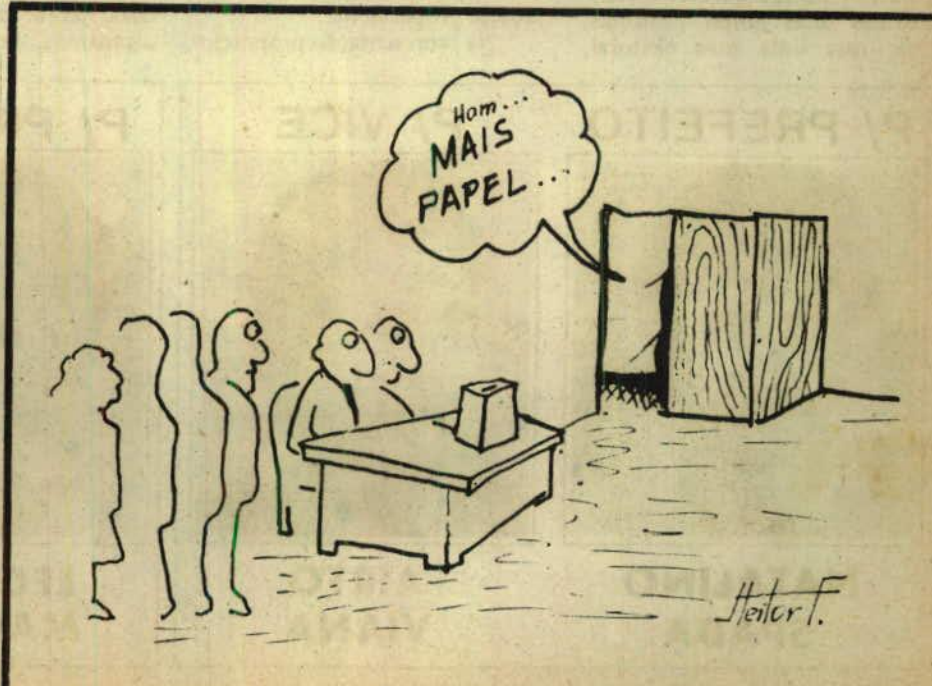
A. FEDUMENTI MECÂNICA

- Chapeação, pintura em estufa
- Cores especiais e importadas
- Completo serviço mecânico
- Pessoal altamente especializado
- Auto-elétrica
- Regulagem eletrônica de motores

Av. Paraná (próximo ao Country Club) Fone: 74 2915



CUIDADO AO USAR O SEU VOTO.
A VÍTIMA PODERÁ SER VOCÊ.



VOCÊ E O VOTO

O direito de votar e ser votado é disciplinado pela lei 4.737, de 15 de julho de 1.965 (Código Eleitoral).

O Código Eleitoral diz: "Todo o poder emana do povo e será exercido em seu nome por mandatários escolhidos direta e secretamente..."

O poder constituinte reside no povo e é exercido pelos chamados "cidadãos ativos" através do voto. No Brasil, podem votar os brasileiros maiores de 18 anos que se alistarem, isto é, que têm título de eleitor.

Não podem inscrever-se como eleitores os analfabetos, os que não sabem falar a língua nacional e os que estão punidos pela suspensão dos direitos políticos. O alistamento e voto são obrigatórios.

A penalidade para quem deixar de votar e não justificar é multa de 5 a 20 por cento do salário mínimo local. O brasileiro nato que não se alistar até os 19 anos também é multado em até 3 salários mínimos. As eleições são organizadas pela Justiça Eleitoral que tem os seguintes órgãos: Tribunal Superior Eleitoral (TSE), na Capital da República; Tribunal Regional Eleitoral (TRE), na Capital dos estados; Juntas Eleitorais e Juizes Eleitorais.

Entre outras coisas, cabe ao TRE dividir o Estado em novas zonas, que por sua vez ficam a cargo dos juizes eleitorais. Em Foz do Iguaçu, há 2 zonas eleitorais: a 46a., à esquerda da BR-277, e 147a., à direita da BR-277. A primeira a cargo do dr. Roberto Sampaio e a segunda a cargo do dr. Kopytowski.

JUNTAS ELEITORAIS

As juntas eleitorais são constituídas 60 dias antes das eleições, depois de aprovadas pelo TRE.

Compete às juntas apurar as eleições nas zonas eleitorais de sua jurisdição. Compõem a junta um juiz de direito e 2 a 4 cidadãos.

70 dias antes da eleição, são anunciados os nomes dos componentes das juntas, podendo os partidos impugnar as indicações. Para Foz do Iguaçu, foram constituídas duas juntas eleitorais, uma para cada zona eleitoral,



Lange, candidato a vereador pelo PMDB, nº 5617.

com a seguinte composição: 46a. Zona — dr. Roberto Sampaio, Tibiricá Boto Guimarães, Ademir Martins Montoro, Marcos Luís Galicezzi e Sérgio Kurt Weirich. A 147a. Zona — juiz Kopytowski, Eliezer de Andrade Santos, José Irassu Angeli, Miguel Gerson Aires Santos e João Nelson Silveira de Lima.

COLÉGIO ELEITORAL

69 dias antes das eleições, às 14 horas, em audiência pública, o juiz eleitoral declarará encerrada a inscrição de eleitores na respectiva zona, proclamará o número total de inscritos (Colégio Eleitoral) e divulgará o nome do último eleitor inscrito. Em Foz do Iguaçu, estão inscritos na 46a. Zona, 50.995 eleitores, sendo que o Colégio Eleitoral anterior (eleição de 78) era de 38.160 eleitores. Na 147a. Zona, estão inscritos 35.890 eleitores, sendo que no Colégio Eleitoral anterior estavam inscritos 25.167 eleitores. Desse modo, para as eleições de 15 de novembro próximo, o Colégio Eleitoral de Foz do Iguaçu é composto de 86.885 eleitores.

SISTEMA ELEITORAL

O voto é direto, obrigatório e secreto. Os membros do Poder Executivo (governador e prefeito) são eleitos por maioria. Para o Poder Legislativo, a representação é proporcional.

Na representação proporcio-

JUSTIÇA ELEITORAL	
PARA GOVERNADOR	
NOME	OU Nº
PARA SENADOR	
NOME	OU Nº
PARA DEPUTADO FEDERAL	
NOME	OU Nº
PARA DEPUTADO ESTADUAL	
NOME	OU Nº
PARA VEREADOR	
NOME	OU Nº

Esta será a cédula para quem vota em Foz do Iguaçu, onde não se vota para prefeito.

nal são considerados válidos os votos em branco. O quociente eleitoral é o resultado da divisão do número de votos válidos pelo número de lugares a preencher. O número de cadeiras atribuídas a cada partido é igual ao resultado da divisão do número total de votos do partido pelo quociente eleitoral e empossados os vereadores conforme a ordem de votação.

O VOTO E A CÉDULA

O sigilo do voto é assegurado através de cédula oficial; isolamento do eleitor em cabine indevassável, para assinalar e fechar a cédula; verificação e rubrica da cédula pelos mesários e pelo emprego de urna inviolável. A cédula oficial é confeccionada e distribuída unicamente pela Justiça Eleitoral.

Aqui em Foz do Iguaçu, a cédula será constituída por cinco retângulos de 12,5 cm por 3,0 cm, com indicação em cada retângulo do cargo a ser votado: governador, senador, deputado federal, deputado estadual, e vereador. Poderá ser votado o nome ou o número do candidato.

Cada candidato recebe um número por sorteio. Na primeira dezena fica o número do governador. José Richa (do PMDB) é número 5. Na sexta dezena fica o senador. Álvaro Dias (do PMDB) é número 15. O deputado federal recebe um número de três algarismos. Os deputados fede-

rais do PMDB têm seus números entre 501 e 599. Os deputados estaduais têm números de quatro algarismos, de 1101 a 5.199. Sérgio Spada é de número 5159. Os vereadores têm números de 5601 a 5699. Roberto Ribas Langes (do PMDB), tem número 5617. O número do PMDB é o 5.

SECCÕES ELEITORAIS E MESAS RECEPTORAS

As zonas eleitorais são divididas em seções. As seções são organizadas à medida que cresce o número de eleitores, não devendo ter mais de 400 eleitores e nem menos de 50.

A cada seção corresponde uma mesa receptora. Cada mesa é constituída por um presidente, um primeiro e um segundo-mesários, dois secretários e um suplente, nomeados pelo juiz 60 dias antes da eleição. Os mesários devem ser escolhidos pelo juiz.

Compete às mesas receptoras receber os votos dos eleitores em conformidade com a lei e instruções do TRE. Cada partido poderá nomear dois fiscais junto a cada mesa receptora. Os candidatos também funcionam como fiscais. As seções e mesas deverão ser instaladas de preferência em lugares públicos.

A força armada deverá conservar-se no mínimo a 100 metros da seção eleitoral, e só poderá aproximar-se com ordem do presidente da mesa.

A votação deverá começar às 8 horas do dia 15 de novembro, e terminar às 17 horas.

Pela lei, para votar, o eleitor receberá uma senha numerada. O secretário verificará se o nome do eleitor consta da relação de eleitores da seção, rubricará a senha e anotará o número da folha individual de votação que o eleitor deve assinar.

O eleitor apresenta o título de eleitor e a senha rubricada e com o número de sua folha de votação ao presidente da mesa. (O juiz poderá dispensar o uso da senha).

Pelo número, o presidente ou mesário localizará a folha de votação que deverá ser assinada pelo eleitor e entregará a cédula rubricada no ato pelo presidente e mesário, instruindo sobre a forma de dobrar, o lugar da cabine e da urna.

Caso o eleitor inutilize a cédula, poderá pedir outra, devolvendo a primeira, que deverá ser imediatamente inutilizada sem perda do sigilo.

Após depositar a cédula na urna, o eleitor recebe seu título de volta, devidamente assinado.

A identificação do eleitor poderá ser exigida pelos membros da mesa fiscal, candidatos ou qualquer outro eleitor.

As 17 horas, o presidente fará a entrega de senhas aos eleitores ainda presentes, e, terminada a votação desses, declarará encerrada a votação, quando então veda-se a urna, lacrando-a da melhor forma possível e encaminhando-a ao Fórum, com o máximo de garantia da inviolabilidade. (O mecanismo de apuração será analisado na próxima edição).

Roberto Lange

Professor Jorge



Tendo como metas a educação e assistência social, o candidato a vereador pelo PMDB, Jorge Szczypior lançou nos últimos dias um trabalho de três laudas onde resume seu pensamento político e social e traça alguns dados pessoais.

Professor e dentista, Jorge Szczypior destaca-se por sua atuação como leigo junto às diversas pastorais da Igreja em Foz do Iguaçu. Aliás sua dedicação dentro dos vários planos da Igreja vão desde sua atividade como cursilista em 1975 até a sua atual função de agente de pastoral. E dentro desta linha de ação o professor Jorge foi Encontrista, Ministro da Eucaristia, secretário da Assembléia Diocesana e atualmente ministra cursos de preparo ao batismo para os pais e padrinhos.

Além destas suas atividades no campo eclesial, Jorge Szczypior exerce a profissão de dentista em seu consultório particular e no Sindicato Rural de Foz do Iguaçu. Como professor está exercendo o magistério há 13 anos no Colégio Monsenhor Guilherme e é também o supervisor do 2o. grau.

"A necessidade da presença dos leigos da Igreja no âmbito político provém do mais íntimo da fé cristã. O meu conceito de política é a busca do bem comum, a promoção da justiça, dos direitos, a denúncia da corrupção e da violação da dignidade humana. Neste campo não há lugar para neutralidade. Ou se é pela mudança na direção de maior participação social ou se é pela manutenção do status quo que marginaliza uma grande porção da população", disse o professor Jorge, que é um entusiasta do Sindicato Solidária da Polônia.

E dentro desta linha de pensamento que o candidato a vereador pretende pautar suas atividades, se for eleito.

P/ PREFEITO



NATALINO SPADA

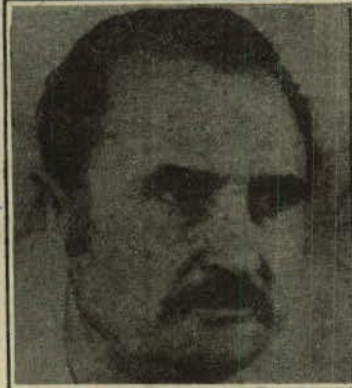
P/ VICE



AIRTO VIANA

SUBLEGENDA

P/ PREFEITO



LEONÍZIO MAGANIN

P/ VICE



IVO NANDI

MÉDICO APRONTA NO CENTRO SOCIAL

Gravíssimas denúncias envolvendo médicos que atendem
no Centro Social da Vila Yolanda

Criados com o objetivo de atender às populações carentes das áreas urbanas, os centros sociais estão passando por um processo de deformação, tal como outros órgãos públicos. E as denúncias de irregularidades começam a surgir exatamente com relação ao Centro Social Arnaldo Busato, de Foz do Iguaçu. Nesta semana estourou o caso de cobranças de consulta por parte de Orley Alceu Camargo, médico que atende no CSU da Vila Yolanda. Várias pessoas declararam que este médico tem cobrado de dois a três mil cruzeiros por consulta. O caso mais escandaloso é contado por Maria Selma de Souza, que estava fazendo um curso de corte e costura no Centro Social e no dia 10 de março levou o seu irmão de oito anos, Márcio Aparecido, para ficar com ela durante o horário do curso, pois a sua mãe estava viajando.

A criança estava brincando no pátio do CSU quando se machucou na testa. Maria Selma levou então o irmão para ser tratado pelo doutor Orley, que deu dois pontos e pôs um band-a-aid no menino. Quando Maria Selma ia saindo do consultório o médico lhe cobrou 4 mil cruzeiros pelo trabalho. A moça, sem saber o que fazer, disse então que só tinha quatrocentos cruzeiros na bolsa e o restante daria depois. Orley disse à moça que quatrocentos cruzeiros não dariam nem para comprar papel higiênico. Ofendida pela grossura do médico, a moça quis saber o que deveria fazer. "Ele então me mandou deixar os quatrocentos cruzeiros na portaria e assinar um vale pelo restante", disse Selma.

Na portaria ela foi aconselhada por Neide Santana, funcionária do CSU, a não pagar nada, pois aquilo era um verdadeiro abuso. "Não sei como este cara chegou a ser médico. Usou material do Centro, cobrou quatro mil cruzeiros e ainda me disse que os quatrocentos cruzeiros que eu tinha na bolsa não daria para comprar nem papel higiênico. Eu sou uma trabalhadora que ganha salário mínimo e aquele dinheiro representava uma diária para mim", disse Selma.

Ainda sobre o Orley existe uma série de outras denúncias, todas envolvendo o médico em cobranças de consultas e indelicadezas



Na barriga de Maria Aparecida a marca do relaxamento.

com pacientes dentro do CSU. Entretanto, um dos problemas mais sérios, pois está pondo em risco a vida de uma pessoa, é o desprezo que certos médicos têm pelos pacientes.

É o caso de Maria Aparecida Machado, jovem que procurou o CSU para ter o seu primeiro filho. Foi atendida pelo doutor Alfredo, que aconselhou a jovem inexperiente gestante a fazer uma cesariana. Para isto preparou a guia de internação para o Hospital São Vicente de Paula. Antes, porém, cobrou os dois mil cruzeiros de consulta.

Feita a cesariana (os honorários o médico recebe depois pelo INAMPS), a par-

turiente foi mandada para casa, pois sempre faltam leitos nos hospitais para as pessoas carentes. Passados alguns dias, Maria Aparecida ainda se queixava de dores e o corte cesariana exalava forte mau cheiro. "Estava tudo inflamado e logo abaixo do umbigo um buraco de aproximadamente cinco centímetros de diâmetro estava cheio de pus", disse Evaldo Machado, esposo de Maria Aparecida. Rapidamente levaram a enferma para o Centro Social do Rincão São Francisco. Ali aconselharam que fossem para o Centro Social da Vila Yolanda com urgência, pois a situação apresentava perigo.

Foram até lá e ali encaminharam Aparecida novamente ao Hospital São Vicente de Paula. "Minha mulher está entre a vida e a morte. Ela foi vítima de desleixo médico. Deram alta antes que ela estivesse em condições de ir para casa. De volta ao Hospital, ficou jogada num quarto sem atendimento médico", disse ainda Evaldo.

É no quarto andar do São Vicente de Paula, Maria Aparecida ainda se debate entre a vida e a morte. No ventre, logo abaixo do umbigo, está a marca da cesariana que infeccionou. Coberta por uns trapos, uma ferida de cinco centímetros de diâmetro, cheia de pus e com um cheiro insuportável. Conforme depoimentos de seus parentes mais chegados o médico que a "atende", o mesmo doutor Alfredo, nem chega perto da enferma. Chega na porta, olha e vai embora. Estes mesmos parentes de Maria Aparecida levantam dúvidas sobre a necessidade ou não da cesariana. "Eu estou desconfiada de que o médico fez a ci-

rurgia só para cobrar pelo INAMPS. Ele não ficou satisfeito em ter cobrado as consultas lá no Centro Social, e ainda quis mais", disse a irmã de Aparecida.

Esses dois exemplos, o da Selma e da Maria Aparecida, retratam muito bem a situação em que se encontram as pessoas carentes. Quando procuram os órgãos assistenciais são roubadas, maltratadas e, às vezes assasinadas.

Apesar da dedicação e altruísmo de alguns de seus funcionários, essas instituições dedicadas ao atendimento de indigentes só atingem resultados paliativos, pois a capacidade da estrutura social em gerar carentes é infinitamente superior à capacidade destes órgãos de resgatá-los da situação de penúria em que vivem.

Os CSUs foram construídos com verba federal, aplicada a fundo perdido, e posteriormente entregues para serem administrados pela Prefeitura. Seu objetivo não é somente assistencialista.

Eles foram criados com o objetivo de unir a comunidade e servir de instrumento de desenvolvimento comu-

nitário. Mas este objetivo de criar condições para a autopromoção humana está sendo colocado em segundo plano, principalmente nestas semanas pré-eleições. O CSU está sendo usado como gancho para certos candidatos que usam seus serviços para formar currais eleitorais, principalmente nas favelas.

É o caso, por exemplo, de um candidato a vereador pelo partido do governo, conhecido como "Fuminho". Este indivíduo, que é motorista do CSU, usa o CSU para angariar votos. Praticando o assistencialismo eleitoral, "Fuminho" percorre as favelas de Foz distribuindo alimentos, madeira e "quebrando outros galhos". O mesmo desvirtuamento dos objetivos do CSU vem fazendo um outro candidato, que responde pelo apelido de Joni e também trabalha na Prefeitura.

A isto foi reduzido o Centro Social Urbano, ninho de médicos desonestos e de candidatos corruptos, apesar dos esforços de alguns funcionários competentes e médicos que honram seu título e juramento.

WHISKADÃO

4 PISTAS PARA VOCÊ CURTIR

- Discoteca
- Samba

- Música variada
- Música lenta

RUA ALMIRANTE BARROS C/ JORGE SANWAIS
FOZ

LOJAS DAMEN

VESTIDOS
DE NOIVA
CALÇAS
JEANS
CONFEÇÕES
EM GERAL

Av. Brasil, 898
Av. Brasil, 1061
Fone: 74-1864
Foz do Iguaçu - Pr.



Evaldo Machado Indignado pela forma como sua esposa está abandonada.

VAMOS CAMINHAR JUNTOS

PROPOSTA TRABALHISTA PARA O MUNICÍPIO

Nas eleições de 15 de novembro, é preciso não se limitar a dizer se está a favor ou contra o governo. A resposta a tudo que está aí, deve se traduzir num posicionamento real e positivo, pesando e medindo as propostas políticas, segundo a força e a verdade do seu compromisso. As propostas conservadoras não conduzirão a nada, pois manterão a essência dos instrumentos de poder. Não resta dúvida que o governo militar dita suas leis e negocia nossa soberania de costas para o povo. Candidatos que não dizem nada ou que representam a continuidade deste regime entreguista e autoritário, merecem o repúdio do povo nas urnas.

O voto deve estar vinculado também a uma proposta de mudança real e concreta. Mudança no estilo de administrar, mudança na forma de encaminhar as mais diversas questões, mudança na mentalidade, colocando sempre o interesse social acima de qualquer outro. Nossa missão é lutar contra todas as medidas de governo que estejam subordinadas ao cálculo do lucro e aos interesses minoritários.

ABASTECIMENTO

Nosso compromisso como candidato trabalhista é o de dar ao município condições para autogestionar sua economia. Romper com as engrenagens de uma economia dependente que nos leva a viver crises cíclicas como a atual. Garantir a terra para quem nela trabalha é um dos compromissos. Incentivar a formação de hortas e cultivos comunitários, transformando a área rural de Foz do Iguaçu num verdadeiro cinturão verde, que produza alimentos para nossos 140 mil habitantes. Isto é possível através de planos a nível municipal e organizando instrumentos de pressão para atuarem junto ao governo estadual e federal.

Esta proposta de ampliação do consumo popular passa necessariamente pela organização de feiras populares — do produtor ao consumidor — pela criação do mercado municipal, pela criação do mercado de peixes administrado pela Associação dos Pescadores Profissionais. Uma ampla campanha no sentido de dotar nosso município de autonomia econômica para gerar projetos de verdadeiro cunho popular. O debate é criativo.

MORADIA

Tal como outras cidades paranaenses, Foz do Iguaçu teve sua população aumentada devido à política concentracionista do regime militar e tecnocrático. Aí estão, em toda a sua evidência, os prementes problemas dos centros urbanos, para os quais tem afluído enormes contingentes da

população do campo. As condições de vida e de trabalho na cidade tornaram-se extremamente desumana, especialmente para a população pobre, que se aglomera nas vilas da periferia. Esta não é formada somente pelas vítimas do êxodo rural, mas também por numerosas parcelas do próprio meio urbano que são, a cada dia, empurradas para fora das áreas centrais, em virtude dos baixos salários, dos pesados alugueis, das exigências financeiras das imobiliárias e pressões exercidas pelas taxas de melhoria.

Por isso é preciso atacar de frente a questão do solo urbano. A atual estrutura do solo urbano legítima perversamente os negócios especulativos, negando um dos direitos fundamentais do homem — que é o direito de habitar, de ter, para si e para sua família, um espaço onde possa erguer a sua morada. Nosso compromisso é o de promover a mais ampla legalização dos terrenos ocupados, aplicando a legislação que faculta expropriar áreas urbanas por interesse social. Outro compromisso é o de assegurar a participação dos movimentos comunitários em todas as medidas de urbanização que interessam diretamente às vilas populares.

SAÚDE

Não podemos dissociar os problemas referentes à saúde de todos os demais aspectos da realidade social. O modelo de desenvolvimento capitalista privilegia e dá ênfase no atendimento médico-hospitalar sofisticado, comercializado e com elevados custos. Nosso compromisso é fortalecer e criar novos órgãos de saúde pública e preventiva. Este plano de saúde deve voltar-se prioritariamente para o atendimento das populações da periferia. É lá que estão os bolsões de pobreza, onde são geradas as doenças mais graves. Através destes centros de atendimentos médico devemos priorizar a medicina preventiva, dar ênfase à assistência materno-infantil, mobilizar as comunidades para ações de saúde e dedicar especial atenção à saúde escolar.

ENSINO

Outro ponto que consideramos importante diz respeito à democratização das estruturas da escola pública. É fundamental que sua direção seja escolhida democraticamente pelos próprios professores, e não por simples decisão administrativa. E a qualidade do ensino passa necessariamente por uma melhor remuneração dos professores. As prioridades educacionais no âmbito municipal: aumento da oferta de matrículas na rede escolar; alteração na carga horária dos professores, de modo que estes sejam remunerados também

pelas horas de preparação das aulas; desenvolver um programa de alimentação escolar. Neste sentido é importante que a alimentação seja fornecida, diariamente, no início e final das aulas e alterar profundamente a orientação em vigor nas escolas da periferia urbana e zonas rurais, nas quais a prática pedagógica tem se revelado ineficaz, por ser alheia à realidade em que vivem os alunos.

Associar a educação com a cultura. A promoção cultural não deve estar circunscrita a atividades para o turismo. A administração municipal deve ter um Plano de Ação Cultural, com vistas a desenvolver o pensamento reflexivo e todas as atividades artísticas. Este plano deve dar um real incentivo à expressão das manifestações culturais do nosso povo, sensibilizando a população para as suas experiências, anseios e interesses. Neste sentido, o município deve oferecer recursos e instrumentos para a criação de centros culturais nos bairros e vilas populares, contribuindo para superar outra forma de privação a que está submetido nosso povo: a privação da cultura. O Plano de Ação Cultural, será o incentivador do pleno desenvolvimento de todas as faculdades criadoras do homem, sua liberdade, independência e consciência social.

SERVIDORES

Outro setor que deve merecer uma atenção especial é a dos servidores públicos. É inadmissível que eles fiquem impedidos de se organizar enquanto segmento social, para a defesa de suas reivindicações. Os servidores públicos municipais constituem uma categoria que, pelas peculiaridades do seu trabalho, não podem deixar de receber toda a atenção, seja em relação aos seus direitos de cidadãos, seja no que respeita aos seus vencimentos.

LAZER

Foz do Iguaçu é uma cidade que carece de áreas de lazer. A desapropriação da área pertencente à Industrial Madeireira e a criação de um bosque municipal, com piscina pública e parque de diversão para crianças deve ser encarada com a máxima urgência. Incentivar e dar todo tipo de apoio a grupos, como o Artemanha, que se propõe a debater o problema ecológico. Recuperar os rios, conservar nossos mananciais de água potável como o Tamandua e Leão, são metas que devem ser levadas a uma intensa discussão pública e a partir daí formar grupos de defesa de nossa ecologia, com pleno apoio da administração pública.

ESPORTE

Incentivar e dar pleno apoio aos clubes de bairros, promovendo torneios de várzea e construindo campos de futebol nas áreas de reserva do município. A promoção, através da Prefeitura, de campeonatos inter-bairros de futebol ou outras modalidades esportivas, deve ser encarado dentro do projeto de despertar a capacidade criativa do povo.

Estes são, em linhas gerais, nossos compromissos e nossa visão de encaminhamento dos problemas do Município. Sua concretização depende da mobilização dos movimentos populares, das associações de moradores de bairros e vilas populares, dos sindicatos e segmentos sociais. Na medida em que nosso mandato for usado para a organização popular, estimular essas manifestações comunitárias, estará abrindo o caminho para formar fecundas de participação do povo na solução de seus problemas, necessidades e interesses. Vamos lutar desde o primeiro momento para que a Câmara de Ve-

readores não seja mais um muro de lamentações e uma casa onde os projetos sejam encaminhados com frieza sem o necessário calor popular. Transformar a Câmara de Vereadores num centro de debates onde todas as lideranças populares tenham voz é uma de nossas metas.

Estou convencido de que os problemas sociais e administrativos são sempre mais políticos do que técnicos. E, sendo eminentemente políticos, eles só se resolvem através, de um processo de opções fundamentais, em que o certo e o verdadeiro jamais emergem de uma decisão solitária. De modo que a verdade só surge quando conseguimos ouvir a voz dos excluídos. E compreendemos que eles são a maioria. A busca de uma nova sociedade nasce desta compreensão básica. Este é o caminho que o trabalhismo abre para toda a sociedade. Nós somos simples instrumentos. Vamos caminhar juntos.

P/ VEREADOR



**ALUIZIO
PALMAR
PDT**

PMDB



**CLAUDIO
RORATO
PMDB**

P/ vereador



**OSMARINO
DA SILVA**

Ho nestidade e trabalho

P/ vereador



**BUTZEN
PEDRO**

Por uma cidade mais justa

MAIS UM ESCÂNDALO MÉDICO

O jornal Nosso Tempo pode ter muitas deficiências e imperfeições, mas de uma coisa este órgão de imprensa pode se orgulhar: A maior parte das matérias do jornal são sugeridas pelos próprios leitores. A pauta de assuntos é semanalmente traçada pelo povo, que vê nesta "cartilha vermelha" um de seus fortes instrumentos de defesa. A toda hora vêm pessoas com as mais diversas queixas e denúncias, prontamente checas pelos repórteres e divulgadas sempre que tenham fundamento comprovado e relevância, de modo que NT é, verdadeiramente, a voz do povo.

Às vezes tem-se aqui a impressão de que muitas pessoas, decepcionadas com todos os órgãos encarregados de atender aos problemas do povo, em neste jornal a mais eficiente caixa de ressonância para seus problemas, como é o caso que passamos a relatar.

A história foi-nos trazida por escrito, em documento assinado por um leitor, e refere-se a um escandaloso acontecimento dentro do Hospital São Vicente de Paula.

José Mariano da Silva, um senhor idoso, aposentado pelo Funrural — que lhe paga a ofensiva importância de 8 mil e poucos cruzeiros mensais de "aposentadoria" (vê se isso é aposentadoria), estava com graves problemas urológicos e não sabia a quem recorrer. Giovani Luiz Ganai e Valdemar Pires Bueno, num ato de caridade, vendo que Mariano estava jogado à própria sorte, sem ninguém por ele, resolveram ajudá-lo, internando-o no Hospital São Vicente de Paula. Após, foram em busca da papelada para que o paciente fosse atendido pelo Funrural, a que tem direito. Arrumada a guia de internamento, o doente foi recebido pelo médico Adir, credenciado pelo Inamps, que constatou ser necessária uma cirurgia para instalação de uma sonda na bexiga do paciente. O doutor Adir disse que a operação iria ser feita por um especialista em urologia, o dr. Itar Yashikawa, mas os que haviam internado Mariano souberam depois, através do próprio médico, que o dr. Itar só foi chamado após completada a cirurgia. Quem

chegou primeiro, operou o doente.

"No dia 30 de agosto — relata a denúncia trazida a este jornal —, o paciente recebeu alta do Hospital São Vicente de Paula, e o dr. Itar solicitou que levássemos José Mariano da Silva ao seu consultório particular, a Clínica Camilo, para no dia 1º de setembro ser retirada a sonda colocada por ocasião da cirurgia. Então, o dr. Itar nos cobrou Cr\$ 100.000,00 (cem mil cruzeiros) e não tirou a sonda e nem os pontos. Pediu para providenciarmos o dinheiro e que voltássemos com o paciente no dia 3 de setembro, o que fizemos às 16h15. Ao chegarmos no consultório, o médico não tocou na questão do doente, mas foi logo perguntando se havíamos providenciado o pagamento dos 100 mil cruzeiros. Ao respondermos que não havíamos conseguido, o médico disse: "Vocês não me dão carta branca, e por isso eu não ponho a mão no paciente." Então, nós saímos do consultório e fomos ao Inamps para providenciar a retirada da sonda e dos pontos."

MÁFIA DE BRANCO

Conforme o relato, José Mariano "está piorando e seus testículos estão inchando cada vez mais", sendo testemunhas do caso Ana Buena Pires, Terezinha Aparecida Pires e João Pires Couto, residentes na rua Minas Gerais, n. 856, Bairro Maracanã, nesta cidade.

O Inamps foi obrigado a internar o doente em outro hospital e os responsáveis pelo órgão afirmaram que, em primeiro lugar, os médicos do Hospital São Vicente não poderiam ter cobrado nada ao paciente assegurado pelo Funrural e, em segundo lugar, se algum preço tivesse que ser estabelecido para tal tipo de cirurgia, este não chegaria nem à metade do que o dr. Itar quis cobrar a José Mariano da Silva.

As pessoas que prestaram ajuda ao doente e que trouxeram estas informações até NT disseram que pediram ao Inamps providências contra esse tipo de abuso — cada vez mais frequente entre a categoria profissional alcunhada pelo jornal "Pasquim" como "a máfia de branco".

Concurso

QUAL É MESMO A ATIVIDADE DO MINISTRINHO?



Como é? O sr. Wilson "ministrinho" de Souza Aguiar não saiu ainda de sua pensão no hotel 5 estrelas? E o Rubens Nogueira continua morando lá também? E a suíte alugada por Itaipu para quando o general Costa Cavalcanti vem a Foz? Tudo continua na mesma orgia sem-vergonha, não é? E a Veraneio? Vai ou não vai ser dispensada?

Aliás, parece que erramos redondamente quando escrevemos que o preço da pensão no

hotel 5 estrelas é de 7 mil cruzeiros por dia para o ministrinho e 7 mil para o Nogueira. Dizem que cada um paga muito mais que isso. Os caras lá do hotel disseram que dão um desconto para Itaipu. Bem, a mordomia é comprovada e é inaceitável, porque quem paga, em última análise, é o povo, somos todos nós que pagamos impostos e energia elétrica — que é com isso que vão pagar a construção de Itaipu, em cujos custos estão incluídos os altíssimos ordenados que recebem e os custos das orgias também.

Não tem vergonha, é?

Pois é, até houve gente que achou um pouco baixo falar em "bacanal" em relação às funções do Ministrinho em Itaipu. Tudo bem, o respeito é dedicado quando merecido. Ou será que deve ser respeitado o foro íntimo das pessoas, mesmo quando se valem do dinheiro dos outros para levar sua vidinha de "dolce far niente" e regalias correlatas? É uma indignidade que deve ser a-

tacada de todos os lados e de todos os modos.

Em todo o caso, continuamos as dúvidas quanto às reais funções do ministrinho. Então, para tirar dúvidas, submetemos o leitor ao seguinte teste, ou pesquisa de opinião: Marque com um "X" o ítem que lhe parecer mais indicativo da verdadeira missão do figura nos parenteses abaixo:

A verdadeira função do sr. Wilson "Ministrinho" de Souza Aguiar é:

- () Ministro de Relações Eróticas da Itaipu Binacional?
- () Diretor do Departamento do Ócio da Itaipu Binacional?
- () Chefe do Departamento encarregado de impedir que as águas do rio Paraná corram para cima?
- () Contador de piadas de mau gosto nas festinhas sociais?
- () Colecionador de baboseiras?
- () Chefe da equipe de resgate de mosquitos quando da inundação do lago de Itaipu?

Senhor leitor, este levantamento deve ser incompleto. Por isso, se você souber de outras possibilidades, acrescente e mande para cá. Em breve queremos estar com mais esta dúvida atroz resolvida. Todos querem saber o que faz o homem para viver numa mordomia tão grande. Obrigado.

Pesquisa de opinião está na moda. Então vamos lá...

P/VEREADOR



**Antonio
das Graças
PMDB**

- MODA INFANTIL
- MODA FEMININA
- MODA MASCULINA
- MODA ESPORTIVA
- CALÇADOS
- PROMOÇÕES
- BOUTIQUE
- RESTAURANTE AUTO-SERVICE
- SHOW ROOM
- MODA JOVEM



Avenida Brasil, 520 e 530 - fones: 74-2792 e 74-2394

EMPRESÁRIOS REVOLTADOS COM DEDURAGEM

Nos últimos dias abriu-se uma polêmica entre os proprietários de postos de gasolina e o senhor Antonio Bordim. Este último denunciou junto ao Conselho Nacional do Petróleo vários postos da cidade. Um deles, o Posto Presidente, foi fechado por 15 dias como punição.

A acusação feita por Antonio Bordim ao CNP é de que esses postos estavam vendendo gasolina em dias não permitidos dentro da área urbana de Foz do Iguaçu. As alegações da acusação dizem que o Posto Presidente se encontra fora da área urbana e por isso estaria infringindo as determinações do CNP. Entretanto, no dia 15 de julho, a Prefeitura comunicou ao CNP que o Posto Presidente está localizado dentro do perímetro urbano. Apesar disso, os fiscais do CNP lacraram todos os serviços prestados pelo Posto Presidente até o dia 13 de setembro.

Toda a confusão é devida a que muitos proprietários que estão dentro da área urbana do município continuam pagando ao INCRA. Este órgão, na medida em que não acompanhou o

crescimento da cidade e também pelos desencontros entre Prefeitura e CNP, é um dos responsáveis pelo atual estado de confusão existente não somente dentro da área petroleira mas também em outras.

A atitude de Antonio Bordim, que acusou seus próprios colegas, está gerando um clima de revolta entre os proprietários de postos de gasolina. Hoje estão todos sob suspeição. Durante toda a semana fiscais do CNP andaram fotografando os postos e montando um verdadeiro serviço de espionagem.

"Nós não sabemos o que levou este senhor a nos denunciar. Nós estamos aqui vivendo como todos a atual crise, somos respeitosos da lei e temos colaborado decisivamente para o progresso do município", disse um dos proprietários de posto. "Acredito que ele fez isto para ficar bem com os homens. Aliás, essa pessoa costuma frequentar os gabinetes governamentais e suas atividades contrárias aos interesses da população são notórias", disse um outro proprietário.

A revolta dos prejudicados pelas denúncias de Bor-



Bordin: Dedurando os colegas.

dim é maior na medida em que, além deste senhor ser também proprietário de posto de gasolina, estar sempre fazendo coro com o conjunto de empresários num momento difícil para a economia iguaçuense. Para muitos dos proprietários de postos que foram visitados pelos fiscais do CNP, a atitude de denunciar colegas é falta de ética.

"O Bordim esteve em Brasília batendo nas portas dos gabinetes, foi ao CNP e mandou vários telex para nos prejudicar. O que ele deveria ter feito era levar a nossa reivindicação de liberar os postos de gasolina para abastecer também aos sábados", disse um dos proprietários de posto.

Aluga-se

Alugam-se peças de uma casa por 25 mil cruzeiros mensais. Espaço próprio para família pequena ou para "república".

Maiores informações à rua Edmundo de Barros, 830, Foz do Iguaçu.

AÍ ESTÁ UM BOM CANDIDATO

Escritor e militante político, José Angeli Sobrinho é um dos mais destacados expoentes do pensamento de vanguarda no Paraná. Sua militância política e social começou pelo Oeste paranaense, passou por Curitiba e chegou até o litoral. Como jornalista trabalhou em vários órgãos da imprensa paranaense. Autor de "A Cidade de Alfredo Souza", romance comprometido com as lutas de terras e a colonização do Oeste Paranaense e outros livros.

Na década de 60 participou como militante da resistência armada à ditadura militar e, tal como milhares de brasileiros, foi preso e torturado pelos órgãos de repressão.

Hoje, Zé Angeli está de mangas arregaçadas percorrendo o Estado como candidato a deputado estadual pelo PDT.

Adeus, Sete Quedas

*Deus na sua infinita imprevidência
Deu ao homem uma pá de inteligência
Mas não lhe deu prudência.*

*E o homem sangrou a terra
Obturou os montes
Perfurou o espaço
Assassinou as florestas
E, por não ser Deus,
Não descansou no sétimo dia.*

*E o homem no sétimo dia
aplainou as Sete Quedas
e escondeu o grito de revolta
das águas tombando nos milênios.*

*Com a cera do concreto
ensurdeceu os ouvidos
dos mortos que guardam
o canto murmurante das sereias
se banhando no Guayrá.*

*Adeus Sete Quedas,
Adeus Guaíra
O teu canto de agonia
Meu filho não ouvirá.*

José Angeli (10.08.82.)

PARA DEPUTADO ESTADUAL



JOSÉ ÂNGELI

N.º 2124

O PROJETO POLÍTICO DE ARNALDO FREITAS



"Santa Terezinha é o mais novo município do Paraná e estas serão nossas primeiras eleições, para as quais o PMDB lançou 19 candidatos. Pretendemos conseguir maioria na Câmara para podermos ter suporte para os projetos de interesse para a comunidade".

"Nasci em Foz do Iguaçu, e em Sta. Terezinha vivo desde 1958, como filho de gente humilde e trabalhadora, que veio para cá trabalhar na construção da Estrada Estratégica e a Estrada das Cataratas".

"De 69 a 73 estudei em Curitiba, retornando para trabalhar na Itaipu, onde estou até hoje. Atualmente curso Ciências Contábeis na Facisa e sou membro do Conselho Municipal do Meio Ambiente".

"Sou candidato a vereador pelo PMDB porque tenho compromissos assumidos com minha consciência cristã, de solidariedade e de necessidade de mudanças, com novas idéias e novos espaços para o

pensamento jovem."

"Não adianta apenas falar. É preciso agir em conjunto para se chegar à verdadeira democracia. O importante não é cada um estar bem e se acomodar, mas dar um pouco de si para a comunidade, numa atitude idealista, não de interesse pessoal."

"Todo o poder emana do povo e em seu nome deve ser exercido" Para tanto, não faço promessas específicas, mas assumo o compromisso de dar voz e vez aos que nos conduzirem à tribuna do povo, que é a Câmara Municipal, sempre dando apoio às iniciativas que visem beneficiar as parcelas menos favorecidas da comunidade.

A criação de um município torna possível a cada comunidade procurar seus próprios caminhos e gerir seus próprios destinos no tocante às peculiaridades locais. Partindo desse princípio, procuraremos dar apoio aos projetos e formas alterna-

tivas que venham ao encontro dos interesses da comunidade, e não de grupos econômicos que extrapolam os interesses do município. Assim proponho:

1. Atenção prioritária à saúde, educação e indústria não poluente, para criar empregos que atendam aos interesses da região, como também buscar a exploração dos recursos naturais sem depender tanto da monocultura.

2. Criação de uma Companhia de Desenvolvimento que planeje e administre os projetos de infraestrutura, tendo os conselhos de administração e de fiscalização formados por pessoas idôneas da nossa comunidade.

3. Busca de formas alternativas de investimentos que não dependam tanto de capital ou de administração externa. Por exemplo, a pavimentação. Para o asfalto exige-se produto derivado do petróleo, dominado por

cartéis e que custa fortunas, constituindo-se o asfaltamento em grande fator de evasão de recursos do município.

Através de nossa Cia. de Desenvolvimento, podemos criar uma fábrica de artefatos de cimento para toda a infraestrutura urbana. Com isso ocuparemos mão de obra local, os custos serão baixos e os recursos do município não serão levados embora pelos grupos que exploram esses serviços.

4. Exploração racional da área do lago de Itaipu que margeará o município de Sta. Terezinha.

5. Criação de um Departamento de Meio Ambiente Comunitário para produção de mudas de árvores, instalação de áreas de lazer e recreação.

Não podemos ficar nas generalidades. É preciso apresentar opções concretas e objetivas. Estas são algumas das opções que o PMDB oferece para o município de Santa Terezinha de Itaipu.

Candidatos a vereador pelo PMDB em Sta. Terezinha



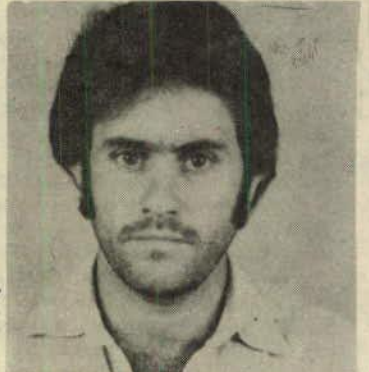
5610
AQUELINO MANENTI



5612
ALBERTINO PEREIRA



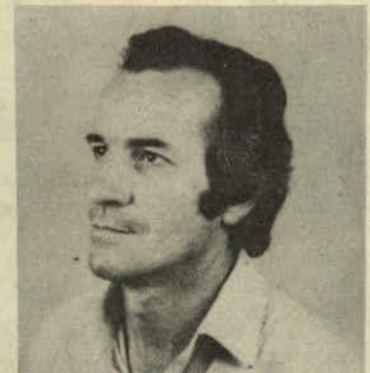
5614
ALEXANDRE ZILLI NETO



5607
ANTONIO T. PEREIRA



5604
JACOB MÜLLER



5608
VALDIR SALVAN



5616
EUGÊNIO NANDI



5603
GERIVALDO MENEZES



5602
NIVALDO PIAZZA



5601
ZEFERINO DAGOSTIM



5605
JAIRO BERGAMASCO



5617
EWALDO TELLES DE SOUZA



5611
ATANIZIO CONTI



5613
ANIBAL DA SILVA



5606
BRAZ DIONIZIO



5619
IVO HANAUER



5618
PEDRO DA SILVEIRA



5615
ARNALDO C. DE FREITAS



5609
OSCAR VON MUHLEN

Sérgio Spada: PMDB vencerá



SPADA 5159

Há oito semanas do pleito de 15 de novembro, a campanha eleitoral começa a tomar corpo. O grande confronto a nível municipal será em torno das candidaturas a deputado estadual, já que Foz do Iguaçu é vítima de uma legislação arbitrária que tira o nosso direito de eleger prefeito.

Em Foz do Iguaçu há duas candidaturas a nível oficial, ou seja, lançadas pelos diretórios. Uma é do candidato do partido do governo, também conhecido como partido do capeta, e a outra é a de Sérgio Spada, pelo PMDB. A opção para os eleitores iguaçuenses está entre votar a favor do governo ou votar por uma real solução de nossos problemas, votando nos candidatos do PMDB, tendo Spada como candidato a deputado estadual.

O confronto chegou a um tal nível que num comício do partido do governo, PDS, também conhecido como "partido do capeta", Tércio Albuquerque disse que vai jogar estreme na cara dos candidatos do PMDB. Pegou muito mal esta declaração do candidato governista. Muita gente foi embora dizendo que não saiu de casa para ouvir asneiras.

Enquanto o desespero do PDS aumenta, pois o povo está cansado de demagogia e revoltado com a atual crise, cresce a campanha de Sérgio Spada e seus companheiros de chapa, que a cada dia recebem mais e mais adesões para as suas propostas de mudança.

Candidatos a vereador pelo PMDB/Foz

Ademir Tadeu Pereira... 5612
Alirio Ferreira Maxixe... 5610
Amauri Braga Brandão... 5654
Aires Spada... 5656
Amélio dos Reis... 5615
Anesio Gonçalves... 5607
Antonio das Graças... 5622
Arialba do Rocio... 5650
Bruno Tillvitz... 5601
Ciro Dias... 5620
Clovís Maciel... 5616
Dobrandino da Silva... 5602
Elias Ubiratan... 5651
Geremias Galvão... 5613
João Batista da Silva... 5608

Polícia queria 100 mil para liberar cadáver

Na noite do último sábado, dia 4, o mecânico Eudes Luis Cardoso saiu da oficina em que trabalhava e, antes de dirigir-se para sua casa parou num bar para beber uma pinga, mas acabou encontrando a morte. Segundo os que o conheciam, Eudes, 19 anos de idade, não tinha encrascas com ninguém e levava sua vida de sacrifícios trabalhando duro e ganhando pouco para ajudar seus pais no sustento da família. Ele era o último filho de Alfredo Alves Cardoso e o único que ainda continuava em casa.

Quando Eudes estava no bar, apareceram alguns indivíduos para implicar com ele, mas, como não era de seu feitio entrar em escaramuças, tratou de sair rapidamente e ir para casa. Os malandros, porém, não o largaram. Seguiram-no continuando com as provocações, até que se enfureceram e começaram a espancar o rapaz. Dos espancamentos passaram a agressões mais violentas, acabando por assassiná-lo com mais de 30 golpes de faca. Os vizinhos imediatamente comunicaram o homicídio à Delegacia de Polícia, que enviou ao local uma viatura para remover o cadáver.

Em seguida os pais da vítima foram avisados do acontecimento e o pai de Eudes foi então até a Delegacia de Polícia para inteirar-se do ocorrido e para providenciar a retirada do cadáver do filho chacinado. Lá, porém, os policiais e encarregados do Instituto Médico Legal — de acordo com informações dadas pelo próprio pai da vítima — começaram a criar problemas. Primeiro disseram que o corpo só seria entregue no dia seguinte, apesar de já terem feito os exames de praxe e cumprido as formalidades legais para liberar o cadáver. Em seguida, mostraram melhor qual era o motivo da embromação: Disseram a Alfredo Alves Cardoso que só poderiam liberar o corpo mediante o pagamento de 100 mil cruzeiros.

Cardoso não tinha essa importância. Aliás, não tinha importância alguma, pois trabalhava como ajudante numa mercearia e, com seus 62 anos de idade, vive doente e, inclusive, está encostado no INPS, que lhe paga mil cruzeiros por mês.

Não tendo a quem recorrer, Cardoso foi ter com a Polícia Militar, onde encontrou a ajuda do soldado Tavares, que foi à Delegacia de Polícia e conseguiu retirar o corpo de Eudes, mediante o pagamento de 40 mil cruzeiros — segundo informações dadas pelo pai da vítima aos funcionários do Centro Social e Urbano da Vila Yolanda e ao repórter de Nosso Tempo, sem contudo saber informar como esse dinheiro teria sido levantado e quem o teria recebido.

O enterro de Eudes correu por conta da família, pois ele trabalhava comissionado e não tinha carteira de trabalho assinada, de modo que não era segurado do INPS. A funerária cobrou 30 mil cruzeiros pelo funeral e esse dinheiro conseguiu mediante uma coleta feita entre familiares e parentes da vítima.

Alfredo Alves Cardoso e sua esposa ficaram sozinhos na família. Ambos estão velhos e doentes, sem condições de trabalhar. Ele recebe o salário mínimo e está procurando aposentar-se, mas não encontra jeito de conseguir. Até 5 anos atrás era agricultor, mas depois que envelheceu e adoeceu teve que vir para a cidade, onde arrumou emprego numa mercearia que, segundo diz, está à beira da falência.

Para aposentar-se pelo Funrural, Alfredo não completou os 65 anos de idade, razão pela qual a aposentadoria lhe é recusada. Além do mais, o Funrural paga meio salário mínimo de aposentadoria aos seus segurados — importância quase igual a nada. Para posentar-se pelo INPS, Alfredo está encontrando também os maiores impecilhos, mas os funcionários do Centro Social e Urbano, a quem o necessitado recorreu, está lutando para solucionar o problema.

PDS PROVOCA ACIDENTE E NÃO PAGA PREJUÍZOS

Esteve na redação deste jornal um funcionário da Unicon para contar que, enquanto trafegava na Av. Jorge Schimmelpfeng, conduzindo o veículo de forma rigorosamente correta, um carro de campanha política do PDS chocou-se com o seu provocando prejuízos calculados em 60 mil cruzeiros.

O acidente aconteceu no último dia 8, a tarde. O motorista do carro do PDS, repleto de propaganda de candidatos desse partido — também chamado de esgoto da política brasileira —,

não quis dizer seu nome ao proprietário do veículo atingido, embora ele desejasse fazer um acerto amigável, dada a evidência de que a culpa era realmente do cabo eleitoral, que conduzia o veículo sem carteira de habilitação.

Conversa vai, conversa vem, o cabo eleitoral do PDS, convencido de que era o culpado e temeroso de que as coisas se complicassem, disse ao proprietário do outro carro que poderia passar na sede do partido e que

Cleodon Albuquerque se encarregaria de pagar os prejuízos. Ele foi, mas não encontrou ninguém. Quando souberam do acontecido, os que atendem na sede do partido do capeta haviam ido se esconder para evitar o encontro com o cobrador dos prejuízos causados em seu carro pela imperícia e falta de habilitação do cabo eleitoral.

Que o PDS é um partido de sastrado todos sabem, mas também não é preciso exagerar tanto assim, não acham?



P/VEREADOR CAMPANA

PMDB

- Nascido em Foz do Iguaçu. Psicólogo. Professor. Democrata em luta pela conquista de amplas liberdades políticas e pela convocação de uma constituinte livre e soberana.
- Pela autonomia política e financeira do município.
- Pela eleição direta do prefeito.
- Por um plano de desenvolvimento que fortaleça o município, amplie a oferta de empregos e eleve a qualidade de vida da população.
- Pela ampliação da rede escolar e das creches. Por melhores condições de ensino. Pela implantação de supletivo de segundo grau público e gratuito. Pela universidade do Oeste.
- Contra a carestia de vida. Por um plano de abastecimento municipal.
- Pelo transporte melhor e mais barato.
- Por melhores condições de saúde: saneamento básico e mais postos de saúde nos bairros.

PMDB PARA VEREADOR



AMÉLIO DOS REIS

- Profissão: Contador
- Nascido em 13.10.44 em Caçador: SC
- Reside no Paraná desde 1951
- Presidente da Primeira Comissão Formada por estudantes p/ Criação de Faculdades
- No oeste do Paraná em 1968/1969
- Cuija Comissão abrangia 18 municípios - com sede em Cascavel
- Secretário Executivo da UPES - União Paranaense de Estudantes - Secundários - Gestão 68/69
- Sócio Benemérito da União Paranaense de Estudantes Secundários - UPES
- Concedido em Congresso Estudantil em 1968, em Guarapuava por serviços prestados a Classe Estudantil.
- Secretário da Comissão executiva do Diretório Municipal do PMDB de Foz do Iguaçu -
- Coordenador do Movimento de Casais - CEDB
- Comunidade Eclesial de Base - da Igreja Católica da Vila Yolanda.
- Secretário do Sindicato dos Empregados no Comércio de Foz do Iguaçu -
- Secretário do CTG Gaita Velha - do Jardim das Flores em Foz do Iguaçu.

PLATAFORMA: Atendimento aos Bairros e periferias da cidade, levando Infra Estrutura, Tais como: água e esgoto, luz, melhoramento de ruas, e o mais importante e Assistência Social, aos menos favorecidos, isto é aos mais pobres.

P/VEREADOR



ANTONIO DAS GRAÇAS
5622

PMDB